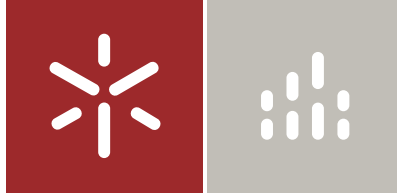




Universidade do Minho
Escola de Arquitectura

Sibila Coutinho Simões

O Pomar:
Projeto de requalificação da zona urbana de
Moimenta da Beira



Universidade do Minho
Escola de Arquitectura

Sibila Coutinho Simões

O Pomar:
Projeto de requalificação da zona urbana de
Moimenta da Beira

Dissertação de Mestrado
Ciclo de Estudos Integrados Conducentes ao
Grau de Mestre em Arquitectura / cidades e território

Trabalho efetuado sob a orientação do
Professor André Fontes

Agradecimentos:

Agradeço a todas as pessoas envolvidas neste projeto, nesta etapa da minha vida, que me apoiaram incentivando-me a continuar.

Agradeço ao professor André Fontes, aos meus pais, sem o incentivo deles isto não tinha acontecido, á Câmara Municipal de Moimenta da Beira pela disponibilidade e fornecimento de documentos e plantas; ao Dr. Jaime Gouveia que me auxiliou na parte histórica de Moimenta da Beira; ao arqueólogo José Carlos Santos que me orientou sobre a evolução do construído do lugar; aos meus clientes pela paciência de nem sempre lhe ter entregado os projetos no dia combinado. Á Lucinda pelos telefonemas e flexibilidade em alguns prazos.

E por fim mas não menos importante ao Joaquim que me preparava as refeições para eu ter tempo para trabalhar.

A todos um bem-haja.

Resumo

O trabalho agora desenvolvido incide sobre a intervenção numa paisagem urbana, que cresceu aleatoriamente, ao acaso da exploração económica e do “Boom” da construção dos anos 90, este “lugar” é Moimenta da Beira, sede de concelho, situada no distrito de Viseu.

O momento de partida começa com uma reflexão sobre o crescimento do construído do “Lugar”. Houve ou não influência directa: da topografia, ou das linhas de água, de vias de comunicação como as estradas nacionais ou municipais, ou até da venda ou não de terrenos privados, ou porque não da legislação, como planos de ordenamento do território?

Depois desta análise chega-se ao objeto, uma parcela agrícola, situada no centro da vila de Moimenta, vila esta, de interior com cerca de 4000 habitantes. Este “lugar” tem 3 linhas de água, agora canalizadas no subsolo, que em tempos formaram ribeiros que iriam desaguar no Rio Távora (afluente do rio Douro).

O facto de Moimenta da Beira se ter desenvolvido nas margens do “objeto” é somente porque esta parcela de terreno sempre esteve em mãos de um único proprietário privado, abastado e que não pretende alienar o património da família. Este “lugar” é por isso o **Pomar** de uma casa, outrora senhorial, o que sempre tornou inviável a construção nesta área.

Numa primeira fase analisa-se a envolvente e como influenciou a ocupação deste território, estudou-se ainda as relações que existem entre a evolução/crescimento do construído de Moimenta da Beira ao mesmo tempo que se procura interligar espaços de referência desta vila.

Propõe-se com isto uma intervenção que assenta em pequenos espaços localizados neste vasto **Pomar**, onde o **Pomar** se transforma em espaço público para os habitantes desta pequena vila.

Abstract

The work now developed focuses on intervention in an urban landscape, which grew randomly at random economic exploitation and the Boom of the construction of the 1990s, this "place" is Moimenta da Beira, county seat, located in the district of Viseu. The moment of departure begins with a reflection on the growth of the built of the "Place". Was there a direct influence on the topography, or water lines, of communication routes such as national or municipal roads, or even the sale of private land, or why not legislation, such as land use plans? After this analysis we arrive at the object, an agricultural parcel, located in the center of the village of Moimenta, this village, in land with about 4000 habitants. This "place" has 3 water lines, now channeled underground, which once formed streams that would flow into the River Távora (a tributary of the Douro River). The fact that Moimenta da Beira has developed along the banks of the "object" is only because this parcel of land has always been in the hands of a single private owner, wealthy and who does not intend to alienate the family assets. This "place" is for that reason the Orchard of a house, once seigniorial, which always made the construction in this area unfeasible. In a first phase the surrounding environment is analyzed and as it influenced the occupation of this territory, it was also studied the relations that exist between the evolution / growth of the built of Moimenta of the Beira at the same time that one tries to interconnect spaces of reference of this town. It proposes an intervention that is based on small spaces located in this vast Pomar, where the Orchard becomes public space for the inhabitants of this small village.

Índice

Introdução	1
Enquadramento geográfico	3
Enquadramento histórico	5
Análise	9
Evolução do Construído	12
O muro	24
As vias e fluxos	26
O espaço público	28
A hidrografia /topografia/vegetação	31
Intervenção no lugar	33
Construção do vazio “urbano”	35
O projeto	37
O edifício/muro	39
O edifício multiusos	40
O estacionamento	40
Reconstituição das linhas de água	44
A vegetação	46
As vias/percursos	48
Síntese conclusiva	50
Bibliografia	52

Introdução

“hay en efecto tantas definiciones de territorio como disciplinas relacionadas con el mismo: la de los juristas no abordan más que la soberanía y las competencias que della se derivan; de los especialistas en ordenación, en cambio, toma en cuenta factores tan diversos como la geología, la topografía, la hidrografía, el clima, la cubierta forestal y los cultivos, las poblaciones, las infraestructuras técnicas, la capacidad productiva, el orden jurídico, las divisiones administrativas, la contabilidad nacional, las redes de servicios, las cuestiones políticas y me quedo corto, no solamente en la totalidad de sus interferências, sino, dinamicamente, em virtud de un proyecto de intervención.”¹

O território/paisagem não nasceu assim, é antes o resultado da conjugação de diferentes momentos. Habitar o lugar é o diálogo entre uma cultura e a natureza. O homem transforma o lugar, constrói espaços, casas, estradas, paisagens, barragens, destrói montanhas, linhas de água, o que implica uma constante transformação do território. Porém a natureza por si só também sofre mutações, o planeta a cada segundo altera-se, as montanhas movem-se, os continentes deslocam-se, onde hoje havia terra fértil, amanhã, poderá ser terra árida.

Quem defende esta ideia da mutação constante do território é André Corboz², quando em 1983 escreve “território como um palimpsesto” já pensava nas problemáticas do território e da sua evolução ao afirmar *“ el territorio no es un dato, sino o resultado de diversos procesos. Por una parte, se modifica espontaneamente: el avance o retroceso de los bosques y los glaciares, la extensión o desecamiento de los deltas, la erosión de playas y acantilados, la aparición de cordones litorales y de lagunas, el hundimiento de los valles, los corrimientos del terreno, el surgimento o enfriamiento de los volcanes, los terremotos todo ello és una prueba de la inestabilidad de la morfología terrestre. Por otra parte, es objeto de las intervenciones humanas: irrigación, construcción de carreteras, puentes, diques, levantamiento de presas hidroeléctricas, excavación de canales, perforación de túneles, aterrazamientos, roturación, repoblación forestal, mejora de las tierras, e*

1 e 3_ Excerto de um texto de André Corboz, com o título Palimpseste, publicado no livro: CORBOZ A, TIRONI, G. L'espace et détour. Entretiens et essais sur le territoire, la ville, la complexité e les doutes. Paris, L'Age d'homme, 2009;

2_ André Corboz, Historiador de Arquitectura e Urbanismo, nascido na Suíça a 1928.

incluso los actos más cotidianos de la agricultura, hacen del territorio un espacio que se remodela sin cesar.”³

Mas não é da alteração territorial enquanto natureza que iremos incidir, mas antes da evolução do território da vila de Moimenta da Beira construída pela mão do Homem, que resulta de diferentes períodos da história, de diferentes processos de construção de diferentes poderes políticos. O Homem como utilizador e modelador do espaço natural.

O acumular de construções, demolições, reconstruções, movimentos de terras e desenvolvimento de diferentes culturas permite interpretar o território, como indica André Corboz ², “Território como um palimpsesto”. As intervenções num lugar podem adicionar informação dando continuidade ao existente, ou podem simplesmente fazer desse lugar uma *tábua rasa* e intervir do zero, havendo rotura, podem sobrepor-se ideias ou simplesmente valorizar as pré-existências.

“O futuro no es solo algo que viene a nuestro encuentro y que tratamos de prever. El futuro es también , al menos en parte, una construcción propia, produto de nuestras capacidades analíticas y proyectivas, de nuestra capacidades de construcción y realización de programas coherentes y eficaces.”⁴

Ao arquiteto cabe-lhe estudar a paisagem construída e a paisagem natural, interiorizar momentos históricos, linguagens de local dando ao lugar uma identidade ou trazendo para primeiro plano a identidade que o lugar já tinha mas estava camuflada.

⁴ Bernardo Secchi, “Ciudad moderna, ciudad contemporánea y sus futuros, 1999, in Ángel Martín Ramos, Lo urbano en 2004, autores contemporáneos, Barcelona, Editions UPC, 2004;

Enquadramento geográfico

Moimenta da Beira é uma Vila com cerca de 4 mil habitantes e nasce num planalto, rodeada por serras: a Serra de Leomil, a Serra da Nave e o por um Vale, o Vale do Távora.



Fig. 1: localização do concelho de Moimenta da Beira.

Situada no distrito de Viseu, na Beira Alta, as Terras de Moimenta da Beira são também conhecidas por “Terras do Demo” (devido ao seu clima rigoroso, diz o provérbio antigos que em Moimenta são 9 meses de inverno e 3 de inferno) que muito ficaram famosas nos livros de Aquilino Ribeiro que aliás é um filho da terra.

Em Moimenta não passa nenhum rio de grande escala, esta é atravessada por dois ribeiros que vão desaguar ao rio Távora que por sua vez vai desaguar ao rio Douro.

Devido ao seu enquadramento geográfico, Moimenta apesar de estar localizada num planalto tem uma topografia bastante acidentada, poucos são os espaços planos na Vila. A cota de implantação situa-se entre os 710m e os 640m.

Ao longo dos anos Moimenta da Beira cresceu “nas margens” da estrada nacional 226, que liga Trancoso a Lamego, o traçado desta via remota ao Séc. XIX.

Geograficamente Moimenta da Beira é próxima de Lamego (30Km) e Régua (40Km) porém não pertence á zona demarcada do Douro, mas desde 2010 com a alteração das nomenclaturas das unidades territoriais para fins estatísticos para as unidades territoriais portuguesas (NUTS), para programas de financiamentos a fundos comunitários, como o PRODER, com fins turísticos e agrícolas, o concelho de Moimenta da Beira ficou a fazer parte da região do Douro.

Os concelhos limítrofes são: Vila Nova de Paiva, Sernancelhe, Tarouca, Tabuaço, Armamar, Sátão e Castro Daire.



Fig. 2: mapa do distrito de Viseu.



Fig. 3: mapa do concelho de Moimenta da Beira

A topografia ajudou a desenhar a implantação do construído, do povo e da sua localização assim como o traçado das vias automóveis.

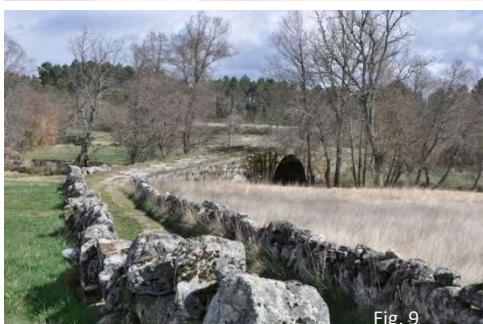
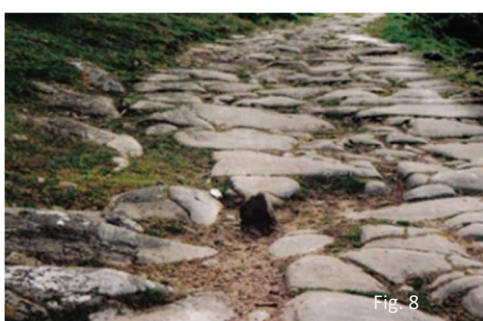
Se em alguns casos um povoamento cresce e desenvolve-se ao longo dos leitos dos rios, ou ribeiras, o início de Moimenta não é um caso vulgar, este começa a desenvolver o seu povoado a partir de um cemitério.

As zonas distribuem-se entre solos férteis de cultivo e inférteis para construção.



Fig. 4: foto aérea de Moimenta da Beira

Enquadramento Histórico



É relativamente recente a história de Moimenta da Beira enquanto sede do concelho, mas não as origens do território, vestígios pré-históricos são abundantes por toda a extensão do concelho a comprová-lo temos o Dólmen no planalto da Nave, o castro de Caria, o Castro Lusitano-romano de Sanfins, sobranceiro de Mondim da Beira e outros, restos do Castro amuralhado de Peravelha a estrada romana que ainda existe um troço que liga aldeia de Nacomba a Carapito.

Ao descobirmos o nome de Moimenta da Beira, chegamos rapidamente às suas origens, Moimenta, que provem do latim Monumentum, significa túmulo, mausoléu, porém o plural é Monumenta e ao longo da história o nome foi evoluindo até chegar à palavra Moimenta, que significa vários túmulos, várias sepulturas. Túmulo de um Rei Mouro que aqui morreu, diz a lenda local tecida a partir de 2 mitos: Rei a significar importância e Mouro a traduzir antiguidade.

No tempo da proto-história era neste território que se sepultavam pessoas importantes de 2 povos vizinhos, Caria e Leomil.

fig.5: Povoado do Castelo de Ariz, séc. III A.C.

fig.6: Dolmen do Planalto da Nave

fig.7: Castro Lusitano-Romano de Sanfins

fig.8: Troço da estrada Romana que liga Aldeia de Nacomba a Carapito

fig.9: Ponte Romana de Ariz

Nos fins do séc. X, Almansor arrasou a região e os seus exércitos destruíram a povoação e o castelo de Caria que a Dama goda D. Chama deixara ao mosteiro de Guimarães. De acordo com documentos do Mosteiro de São João de Tarouca, o convento pré-nacional de Arcas foi destruído e as monjas beneditinas degoladas, incluindo a abadessa Comba Osores. A extensa e importante Honra de Caria, a par do Couto de Leomil, com papel decisivo no repovoamento da região, foi doada por D. Afonso Henriques a Egas Moniz- o Aio e Mem Moniz.

O povoamento deste território começa quando o Sr. Da Honra de Caria, Egas Moniz leva a fixar colonos neste local, começando a crescer primeiro um pequeno povoado e passa a aldeia atribuindo-lhe o nome de Moimenta.

Por volta de 1189 deu-se o primeiro paço para a autonomia de Moimenta como povo, resultante das mãos de Paio Vilharigues, este atribuiu a Moimenta o Foral no qual está escrito “vobis, homines de Moimenta”.

Nesta época Moimenta era um Lugar com pouca importância, Moimenta pertencia à Honra de Caria e só no século XV é que se liberta, juntamente com Paradinha, Cabaços e Baldos formam a primeira freguesia de São João Batista de Moimenta de Leomil. Neste preciso momento este pequeno concelho passa a pertencer ao Couto de Leomil.

Em 1527 o Cadastro do Reino regista “nesta villa de Muymenta e seu termo há moradores 205; na villa 78...” , “esta villa tem uma légua grande em longo e mea em largo...”⁵ o que reflecte que ainda neste tempo Moimenta era uma pequena povoação de 78 habitantes.



No Dicionário Corográfico de Américo Costa diz que Moimenta “é construída no declive de uma serra e passa-lhe ao meio uma ribeira sobre a qual há uma ponte de cantaria”, atualmente não existe nenhuma ribeira a passar por este Lugar, a ribeira perdeu-se no tempo esta ainda aparece nas cartas

fig.10: Fonte da Fontainhas, local onde se localizava o rio que dividia Moimenta do Arrabalde

5_ A. Bento da Guia, as vinte freguesias de Moimenta da Beira, exerto da pág 260, edição da câmara Municipal de Moimenta da Beira,1989;

militares de 1945, mas nas posteriores desaparece. Esta ribeira passava nas Fontainhas, onde ainda podemos ver uma espécie de ponte em cantaria, e ligava Moimenta ao Arrabalde. Se formos buscar o significado de Arrabalde, palavra de origem árabe que significa parte de uma cidade ou povoação situada fora de muros, conseguimos perceber que Moimenta nasceu do lado Sul da tal ribeira.

Moimenta dá o salto já no século XVI com o fim do Couto de Leomil, o aparecimento da família dos “Mergulhões”, que em 1594, Fernão Mergulhão requere uma licença apostólica para fundar o convento das monjas, ao Papa Clemente VIII. A primeira casa brasonada de Moimenta pertence a esta família.



Fig. 11



Fig. 12



Fig. 13

O mosteiro no Séc. XVII cresce tanto em religiosas como em rendimentos (provenientes de trigo e centeio).

Moimenta torna-se Moimenta da Beira já no século XIX quando passa a sede de concelho.

Existe uma teoria que relata que Moimenta da Beira não tinha história. Até ao séc. XVIII, Moimenta tinha sido uma freguesia do Couto de Leomil. Isto é verdade na idade Média, porém não o é na Época Moderna. Monsenhor António Bento da Guia⁶ foi a primeira pessoa a combater esta ideia, porém mesmo este, pensou que Moimenta só se tinha alcandorado com as Honras do Concelho quando se extinguiu o Couto de Leomil, isto em meados do séc. XIX. Os estudos do Dr. Jaime Gouveia⁷ procuraram

provar o contrário. O Concelho de Moimenta foi constituído, não apenas quando se extinguiu o Couto de Leomil, mas sim, quando foi extinto o Couto de Leomil por ocasião da morte da condessa de Marialva, sem descendentes, no séc. XVI, passando todas as propriedades senhoriais da família para a Coroa. Foi então que o maior Couto

fig.11: Solar dos Guedes

fig.12: Convento da Nossa Senhora da Purificação (Convento das Freiras)

fig.13: Paços do Concelho

⁶ _Padre, estudioso, professor, escreveu a monografia do Concelho

⁷ _Historiador, Investigador do CHAM- Universidade Nova de Lisboa, in avatares da memória, blogspot, nascido em Leomil concelho de Moimenta da Beira

do Reino – o Couto de Leomil, de desfez e foi por esta ocasião também que a Coroa, agora proprietária, concedeu o dízimo das suas terras a determinadas instituições. Para dar um exemplo, o dízimo de Leomil foi pertença do Mosteiro de Salzedas e da Sé Patriarcal de Lisboa, enquanto o dízimo de Moimenta foi concedido á universidade de Coimbra, à qual, por sua vez, se encarregava das obrigações e não apenas direitos de padroado. Uma vez que a universidade de Coimbra recebia os dízimos do concelho de Moimenta, já existem pelo menos desde o séc. XVI, teve a necessidade de Tombar, isto é, de colocar em Tombo, uma relação exata desses bens, com o fim de nenhum se perder. Este processo de Tombamento de bens ocorreu ao longo de toda época



Moderna. Sabe-se ter existido um Tombo no séc. XVII e outro no séc. XVIII, neste último foram Tombados os bens do concelho de Moimenta da Beira, Castelo, Nagosa, Caria entre outras freguesias. Neles há uma descrição precisa das confrontações entre as várias localidades, como o objetivo de se

perceber onde confinava o dízimo de umas e de outras. Neste processo de delimitação dos dízimos foram seguidos escrupulosamente, os limites antigos representados por cruzeiros em fragas, penedias e paredes e colocaram-se limites da época para assinalar o processo demarcatório, os quais eram de pedra lavrada de cantaria com robustas siglas VDE, abreviatura de universidade.

fig.14: documento onde indica os limites do concelho de Moimenta da Beira

Análise

“la transformación de tejidos urbanos mediante estrategias sostenibles es una de las demandas habituales tanto de la sociedad como de los medios de comunicación, así, como anhelo de instituciones y políticos. En los últimos años la crisis económica y una mayor sensibilidad medioambiental han puesto en cuestión el crecimiento extensivo de la ciudad, por lo que las reflexiones sobre la trama edificada y el espacio público actual se han hecho progresivamente más habituales. Muchos de los proyectos urbanos que se volcaron hacia el crecimiento de las ciudades vuelven ahora su interés hacia los espacios de oportunidad existentes en las ciudades.”⁸.

Enquanto antes os projetos urbanos passavam pela ideia de crescimento do perímetro urbano, pela ideia de criação de novos edifícios, de edifícios emblemáticos para a cidade, como é o exemplo disso a Casa da Música do Porto do arquiteto Rem koolhaas⁹ ou o Museu Guggenheim de Bilbao do arquiteto Frank O. Gehry¹⁰, edifícios de grande escala, agora os projetos procuram espaços de oportunidades, existentes na cidade ou na paisagem, os projetos surgem dissolvidos no território, são pequenos apontamentos que fazem a diferença.

Apesar de Moimenta da Beira ser uma pequena vila de interior, tem na sua distribuição do território, na malha urbana, os mesmos problemas de uma grande cidade. Desde os anos 80 com o auge nos anos 90 as estratégias de crescimento assentavam em novos loteamentos, que não são mais do que bairros dormitórios, onde pontualmente existe um serviço ou um espaço ligado ao comércio, como um café, um restaurante ou um minimercado, sem espaço público ou de convívio. Tem também um “centro histórico” despovoado de residentes, mas é aqui e ao longo da estrada nacional 226 que se localizam os edifícios de interesse histórico, o comércio e os serviços.

Uma vez que Moimenta da Beira já há muito ultrapassou os limites do construído, as suas atuações urbanas encontram-se sobredimensionadas, os loteamentos estão falidos e com pouca ocupação, viramo-nos agora para espaços vazios de programa público, onde se procura estabelecer relações entre espaço público e espaço privado, reutilizando o existente devido tanto a razões económicas

8_ José M.^a Ezquiaga Domínguez e Luciano González Alfaya transformaciones urbanas sostenibles, pág 7.

9_Arquiteto e Urbanista, nasceu em Roterdão em 1944

10_Arquiteto, nasceu em Toronto em 1929

como com um maior compromisso de sustentabilidade.

Procuramos com isto um lugar central, que permita a relação entre bairros, entre centro histórico, entre estrada nacional 226, um lugar que alie espaço público e espaço privado, que não assente em critérios de espaço massivamente construído e que preencha lacunas de programas em falta no território, procurando com isto um espaço sustentável que permaneça por várias décadas.

Quando o objeto de estudo é o território de uma vila, e este é o resultado de soma e subtração das dinâmicas que o operam em escalas espaciais e de tempo, os costumes, os comportamentos de um povoado, o que se projeta é ao mesmo tempo uma forma de conhecimento/estudo e ação.

Segundo Miriam García García¹¹ e Manuel Borobio Sanchiz¹², qualquer definição de ordenamento do território assenta em três aspetos chave: o conhecimento profundo da situação de partida, o esboço de tendências futuras e finalmente a forma de incidir sobre elas para conduzir a sua evolução até determinar os objetivos de sustentabilidade e equilíbrio.

Estudar o território e conhecê-lo é a base para definir o futuro do mesmo. Durante o período do estudo, haverão várias manobras de distração, pois foram muitos os intervenientes, muitas fases da história, muitas mudanças, muitos testemunhos, o que nos impossibilita de chegarmos a conhecer a realidade, seguindo as linhas que parecem mais lógicas para chegar á realidade e contar a história de Moimenta da Beira.

A planificação assenta num processo cultural e contínuo do diálogo com o meio.

No entanto esta posição de estudar o meio antes de agir não é universal, a postura de muitas regiões e cidades surgem em torno de planos rígidos, baseados no zonamento, pensando desde de início em ocupar o “vazio”.

No texto de José Maria Ezquiaga Domínguez¹³ publicado em 1998 a propósito da crise do planeamento urbano dizia: *“queremos escrever em manifesto o contraste entre os fundamentos teóricos e a prática do planeamento, e ainda mais entre os primeiros e as transformações urbanas e territoriais resultantes. Deixou de existir uma*

11_ Arquiteto especializado em áreas como o planeamento territorial

12_ Arquiteta, urbanista especializada em Ordenamento do território

13_ Dr. Arquiteto e professor de urbanismo na Escola Técnica Superior de Arquitetura da Universidade Politécnica de Madrid

relação coerente entre pensamento e planificação, temos chegado aos nossos dias numa situação de falta de confiança e de credibilidade nos instrumentos de planificação territorial e urbanística que se têm demonstrado pouco eficazes para racionalizar os processos de ocupação do território, especialmente nas últimas décadas”¹⁴.

Basta observarmos as cartografias do Plano Diretor Municipal de Moimenta da Beira, que não é mais do que o resultado e reflexo de ideias da forma como técnicos e políticos entendem o território e as suas dinâmicas, ou ainda vemos a localização dos serviços, como estes estão distribuídos pelo território, estarão estes posicionados no “lugar” ideal ou estarão colocados no “lugar” que foi mais conveniente ao poder político a exercer funções nessa determinada altura.

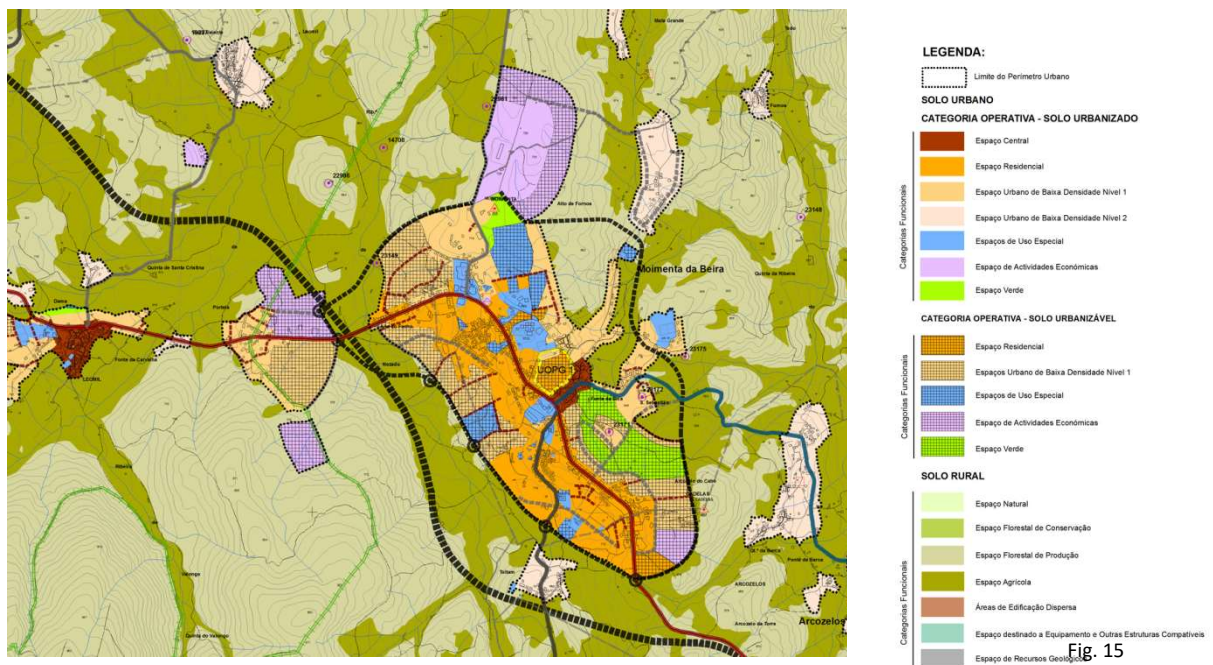


Fig. 15

fig.15: Extrato da Carta de ordenamento do Plano Diretor Municipal de Moimenta da Beira

14_ José M.ª Ezquiaga Domínguez, "Cambio de estilo o cambio de paradigma? Reflexiones sobre la crisis del planeamiento urbano", 1998, pág 18

A evolução do construído

“ en cierto sentido la “ciudad difusa” tiene a sus espaldas la “urbanización difusa”, pero los fenómenos se presentan completamente distintos, tanto no marco territorial como en el âmbito económico social, y constituyen estados distintos de organización del espácio, como consecuencia de la reorganización de los processos socioeconómicos....La mejora económica de los estratos sociales antes ligados á la actividad agrícola y su abandono del sector primário a favor del secundário há empujado a estas mismas classes a dar forma visible a tal mejora y modificación de cultura (en sentido antropológico) a través de la “casa”, casi sempre unifamiliar, promovida para uso próprio (a menudo auto construída), a emplazar o en áreas de propriedade de los mismos (o de parientes) o en áreas agrícolas de menor precio....La urbanización que resulta de ello aparece, así, dispersa, privada de una imagen dibujada y no sostenida por una adecuada red de infraestructuras y de servicios. Se difunde a partir de los centros habitados preexistentes, más o menos antiguos, mas o menos grandes interessando al conjunto del território, sin directrices predominantes, ni si quiera en mancha de aceite, porque muy a menudo esta caracterizada por soluciones de continuidade. Se está, portanto, frente al fenómeno del campo “construido”, denominado urbanización difusa típica de algunas regiones, y marcadamente del veneto.”¹⁵

Moimenta da Beira é uma vila com pouca população, cerca de 4000 habitantes.



Fig. 16

A localização de onde começou com exatidão o povoado de Moimenta é um pouco dúbia.

Os populares defendem que os seus primórdios remontam a um pequeno povoado, de casas de

madeira, situado na Corujeira, onde não existem atualmente vestígios dessas habitações, apenas foram encontrados objetos que atestas que ali existiu um povoado no início do séc. X, mas nesta altura haveria povos nómadas o que os

fig.16: Lagar escavado na rocha, vestígios romanos

15_ INDOVINA, Franscesco, Cidade Difusa, extrato do livro de RAMOS, Angel Martin, Lo Urbano en 20 autores contemporâneos, Edicions UPC. 2005. pág. 50.

objetos encontrados poderiam ser apenas de um “acampamento” temporário.

Com exatidão sabemos que o povoamento de Moimenta da Beira começou quando o Aio de D. Afonso Henriques, Egas Moniz fixou colonos neste território.

Segundo a teoria do A. Bento da Guia Moimenta nasce na área onde atualmente se chama “cinco ruas”, par cá das Fontainhas. Pouco tempo depois já se documentava uma área denominada como “Arrabalde” onde haveria um ribeiro que separava Moimenta do “Arrabalde”.



Fig. 17

Moimenta nesta altura ainda era uma pequena povoação.

Segundo a teoria do Padre António de Andrade Moimenta nasce no Arrabalde, onde ficou a sepultura (monumento) do último rei de uma povoação que foi destruída, que existiria no séc. V antes de Cristo. Um

“Rei Mouro”, que na tradição popular, mouro não significava um povo mas sim um tempo muito distante. Haveria quatro topónimos de valor definitivo para comprovar esta tese: primeiro_ “Arrabalde”, de Hr-bal, que significa “monte do senhor, deus ou príncipe”. E Arrabalde de ahr-balad, com significado de “para lá da povoação”. Em Moimenta só o primeiro faz sentido pois que não existiu qualquer terra importante de que o Arrabalde fosse um “bairro fora da povoação”; segundo_ “Alagoa”, aparece em



Fig. 18

muitas constelações e significa “lugar de culto”. Em Moimenta está sinalizado pela capela de Nossa senhora das Mercês, um lugar de culto. A capela atual, pombalina, foi com certeza construída sobre as ruínas de capela anterior; terceiro_ “Carcavelos”, é o topónimo que aparece praticamente

em todas as constelações. Formou-se de *Karca-* pedra e *Bel-* senhor. Era o domínio ou casa do senhor, do chefe ou rei, ou do baal. Esta pedra levantada é o antecedente dos

fig.17: Largo e Fonte das Fontainhas, local onde passava o rio que dividia Moimenta do Arrabalde

fig. 18: Capela Nossa Sr. das Mercês

pelourinhos, símbolo do poder popular sobre o território e antecedente dos mastros seja do mastro das festas, como no Mártir São Sebastião, seja dos mastros de todas as bandeiras. Carcavelos evoluiu para formas divergentes como simplesmente Cavalos, Vale dos Cavalos em Torres Vedras e Carreira dos Cavalos em Moimenta da Beira. Qualquer homem do Arrabalde pode dizer onde fica esse marco da nossa história primitiva, a Carreira dos Cavalos deformação de Carcavelos; e por fim o quarto –“Fornos”, o topónimo Maçuda, de origem hebraica ou fenícia, significa “fundição”, que Golçalvez da Costa deixou-nos a hipótese de Fornos ter sido um lugar onde os Romanos da cidade que foi a Vila da Rua, vinham queimar os seus mortos. É possível que os Romanos tenham aproveitado as fundições dos Fenícios para a cremação que entre elas era habitual.

Moimenta como povo, nasceu há mais de dois mil anos, de uma colónia fenícia ou de um pequeno estado-cidade lusitano, situado no Arrabalde e São Mamede, e de onde se prolongava para Fornos e Paradinha, onde existe um lugar chamado *Jan-Caria*, perto das ruínas de Moreiró, o que indica também a proximidade da cidade-estado lusitana que os Romanos destruíram e passaram a chamar “Monumentum”.



Desde a fundação de Moimenta como povo até ao séc. XVI, a área do povoado era de dimensões reduzidas. Das primeiras construções que se conseguem documentar datam do séc. XV e XVI que vão desde a “casa de Moimenta” até á Capela da Nossa Senhora da Amparo. Nesta altura não

havia ainda as “cinco ruas”, das “Fontainhas” subia-se por uma rua estreita de que ainda hoje existem vestígios laterais à rua onde fica a “casa de Moimenta”, perto desta havia a Fonte da Palha e a rua com o mesmo nome, algumas casas na “sucásia” e outra no alto da encosta, junto á estrada de Leomil, onde

hoje fica o “Quarto”. Do “Quarto às Fontainhas nem casas nem ruas. Posteriormente construíram casas na Rua do Amparo, a rua mais rica de Moimenta da Beira no séc.

fig.19: Casa de Moimenta , situada numa das ruas mais antigas e tradicionais da vila, corresponde, de facto, a uma habitação quinhentista. Uma casa Judaica.

XVII e que no séc. XIX se chamou rua do Açougue.

O “tabolado” era o largo onde as pessoas se divertiam, foi aqui que apareceu o primeiro campo de jogos de Moimenta da Beira e não havia casas á volta, só no séc. XVI foi construída a Casa de Moimenta que era a Casa do Povo.

Em 1594 com a construção do Convento de Nossa Senhora da Purificação é que se dá a expansão de Moimenta para outras áreas que não sejam as “cinco ruas”, o “Quarto” e o “arrabalde”, para sul e poente.

A partir da segunda metade do séc. XVIII começam a surgir casas senhoriais como a atual “Solar dos Guedes”, o “Solar Correia Alves”, construções nas imediações do que chamamos hoje “Terreiro das Freiras” e na rua que ia para a Corujeira.



Fig. 20



Fig. 21

fig.20: Largo do Terreiro das Freiras.

Fig 21: Largo do Tabolado.



Fig. 22

A partir de 1860, quando foi aberta a estrada real Lamego a Trancoso, a atual estrada nacional 226, até á década de 80 a construção começou a localizar-se ao longo desta via. A primeira edificação a acontecer foi a casa apalaçada de D. Claudina Adelaide de Almeida Carvalhais que data de 1857, que atualmente depois de obras de ampliação é o edifício dos Paços do Concelho, o tribunal e a conservatória do registo civil, predial e comercial.

Na década de 60 com o auge na década de 70 assistimos ao êxodo dos habitantes desta região para países estrangeiros, por motivos diversos, a maioria por falta de trabalho á procura da vida melhor, outros para fugirem á guerra do ultramar e do regime salazarista, poucos foram os que partiram puramente pela aventura de

conhecerem outros mundos. O instituto nacional de estatística apresenta o resultado dos censos onde diz que em 1960 o concelho de Moimenta da Beira teria 15 272 habitantes, em 2011 temos apenas 10 212, mas penso que este numero já se encontra obsoleto uma vez que nestes últimos 4 anos assistimos novamente ao desmoronamento das famílias, é rara a família que neste concelho não tenha um parente emigrado e vê-se quando se sai á rua, cada vez mais casas fechadas 11 meses por ano. A falta de trabalho nesta região é evidente, e o trabalho/emprego que existe é ligado á agricultura, principalmente ao cultivo da maçã e vinho, serviços e construção civil. Com o decréscimo da construção e com o fecho de alguns serviços como escolas, a população desloca-se para locais onde haja trabalho e torna-se numa espiral recessiva sem fim á vista.

Os emigrantes de primeira geração partiram á procura de uma vida melhor economicamente. Estes emigrantes viam os países onde trabalhavam como um meio de amealhar dinheiro para virem construir a sua casa no seu país. Quase todos teriam um terreno de cultivo, ou entretanto adquiriram-no para aí construírem a sua habitação unifamiliar, uma vez que já não necessitavam desses mesmos terrenos para cultivar e obter o sustento da casa. Por todo o concelho, principalmente na década de 80, surgem construções em todos os lugares, sem qualquer ordenamento, dispersas no território e com linguagens arquitetónicas importadas, as áreas construídas das aldeias vizinhas crescem, assim como a vila. Nascem dois bairros de habitações unifamiliares- “o bairro do aguiar” e “o bairro nossa senhora de Fátima”, encontra-se em construção o primeiro bloco de apartamentos com 5 andares, pensam os habitantes que o progresso já chegou á vila. As construções dos “centros urbanos” são abandonadas, uma vez que as casas são pequenas, muitas delas não têm instalações sanitárias, não têm terreno envolvente para um grande jardim, muitas ruas não dão para passarem dois carros, e começam a surgir novas áreas construídas dispersas. Não podemos comparar a escala desta vila com a escala norte americana, mas podemos tirar elações. O grande Boom residencial norte-americano do pós-guerra foi o exemplo mais puro do sonho do suburbano em ação. Entre 1950 e 1970 foram construídas mais de 20 milhões de habitações unifamiliares, cerca de 50% destas localizadas em bairros suburbanos. O ideal de subúrbio americano da época do pós-guerra, de bairro com habitações unifamiliares começa a enraizar-se na população desta área geográfica.

Nesta altura só existia um problema que seria o carro, então a construção começou a localizar-se nas margens de estradas nacionais e regionais, pois assim teriam acesso à casa por uma via pavimentada.

Havia ainda um fator novo, a alteração da estrutura familiar, enquanto antes viviam na mesma habitação avós, pais e netos muitas vezes tios com os seus filhos, agora a família passa a ser pais e filhos quando estes não têm o seu meio de subsistência. Daí também quererem adquirir a sua própria habitação. Com isto, houve indivíduos que ao aperceberem-se que havia mais procura do que oferta de terrenos, começam a comprar grandes parcelas agrícolas e a construírem loteamentos, estes já com saneamento, abastecimento de água da rede, vias pavimentadas e eletricidade. Era muito mais confortável comprar um lote que era apenas escolher um projeto de arquitetura e começar a construir. Porém havia mesmo habitações já construídas prontas a serem vendidas. Encontramo-nos agora no início da década de 90 que a maiorias das habitações ou lotes já se encontravam vendidos em fase de projeto, antes sequer de estarem construídos.

No início dos anos 90 surge um novo “boom” com os empréstimos dos bancos a privados, agora ninguém queria viver numa casa alugada, as poucas casas que ainda se encontravam habitadas nos centros ficam agora desocupadas. Os bancos emprestam indiscriminadamente –o crédito à habitação quase sem limites de montante. Ninguém queria viver em casas antigas, os bancos emprestam dinheiro para construções novas e não para reabilitações ou reconstruções do construído.

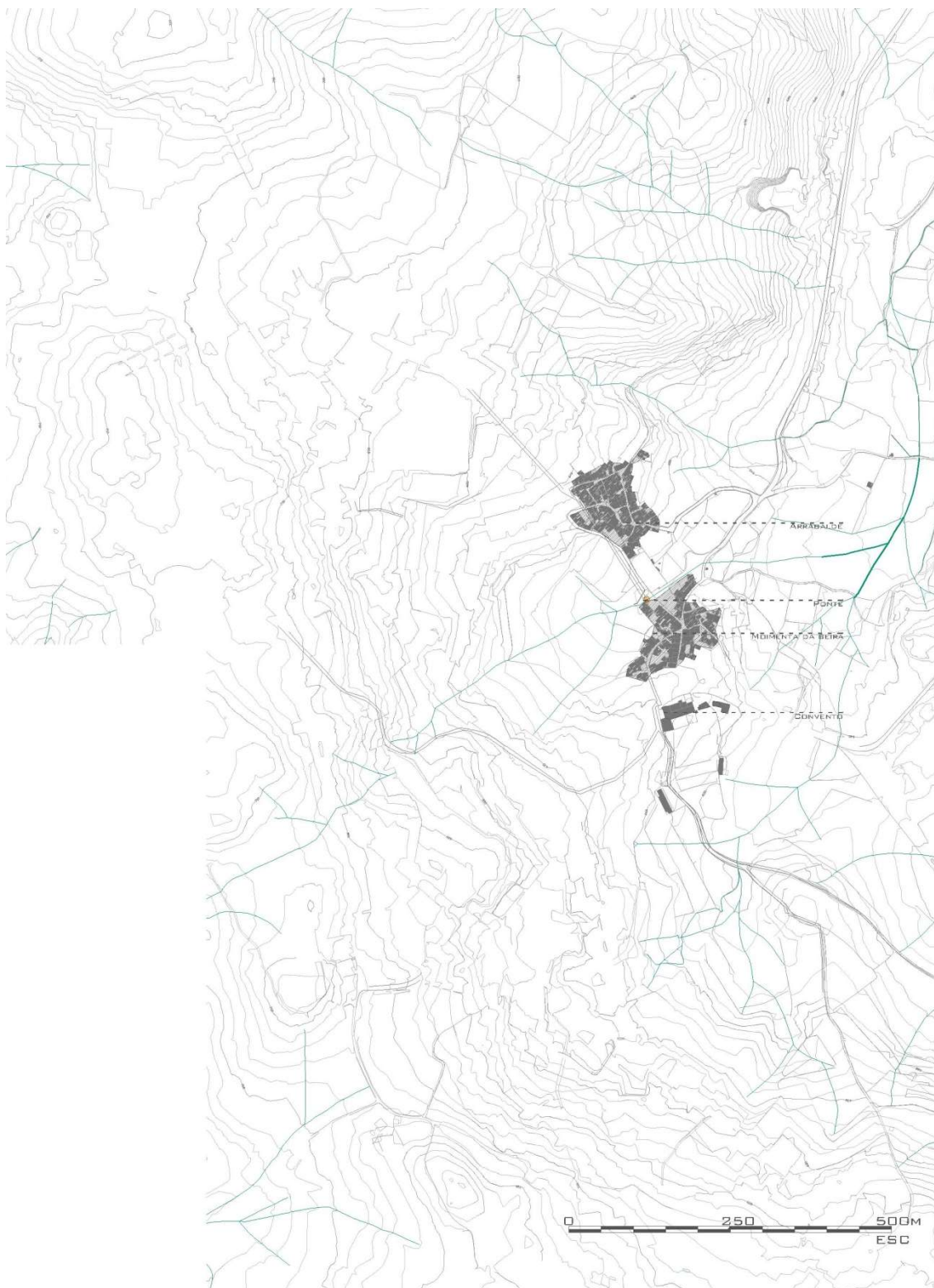
Aqui voltam os promotores privados a procurarem terrenos para a construção dos loteamentos, também este beneficiando de empréstimos da banca. Mas nem todos os proprietários dos terrenos próximos do “centro da vila” estariam disponíveis para alienar o seu património, até porque muitos destes terrenos eram férteis para cultivo e tinham bastante água para rega, as áreas que conseguem agora comprar situam-se mais afastados deste centro tornando a malha urbana de Moimenta da Beira cada vez mais dispersa e cada vez mais consumidora de território.

Em 1994 surge o Plano Diretor Municipal de Moimenta da Beira, um plano que define as áreas por zonamentos de onde se pode construir. Os técnicos delimitaram as áreas urbanas, reservas agrícolas, reservas ecológicas, áreas florestais e áreas não urbanas, a meu ver um plano bastante redutor, pois provocou na mancha construída

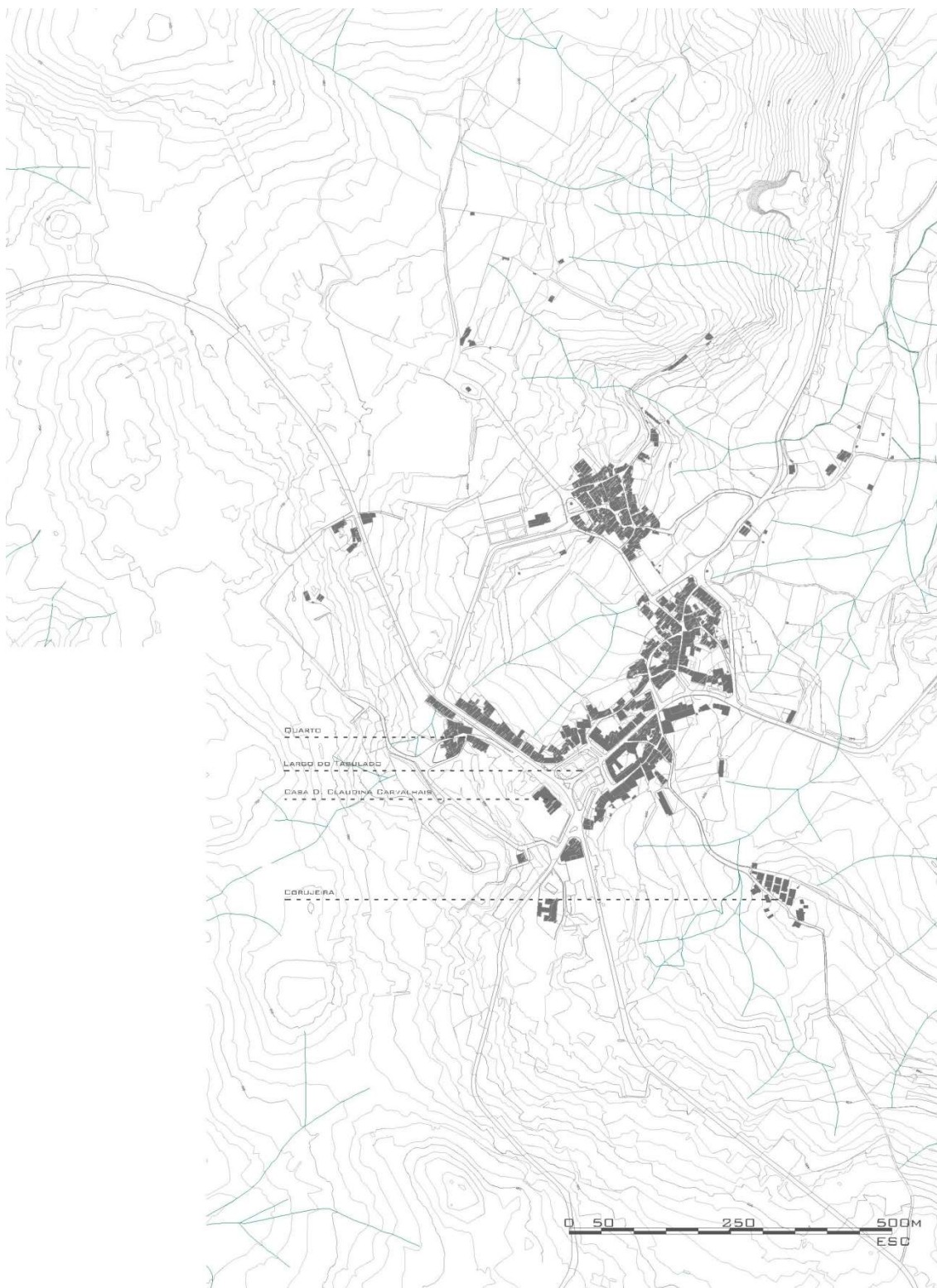
mais dispersão ainda. Os promotores quando iam reconstruir edifícios tinham que obedecer a determinadas regras, que segundo eles não eram viáveis, o licenciamento camarário era eterno, então porquê reabilitar edifício já construídos e ter tantos problemas, quando se pode construir edifícios novos em áreas mais longe do centro e que não davam metade dos problemas.

E assim os limites da Vila vão crescendo, sem uma malha urbana lógica, não existe continuidade nos espaços, sem ter havido um planeamento urbano do território sustentável, talvez porque Moimenta cresceu “há custa” de promotores privados que não viam necessidade de haver espaço público, para estes, o espaço de cedências ao público resumiu-se a parques de estacionamento localizados ao longo de arruamentos, ou a faixas de vegetação que servem apenas para sombreamento para as áreas de estacionamento automóveis.

Se Moimenta foi até á década de 80 quase uma vila “linear” em que quase toda a sua construção do território estava confinada á estrada nacional 226, agora Moimenta expandiu-se de uma forma fendilhada.



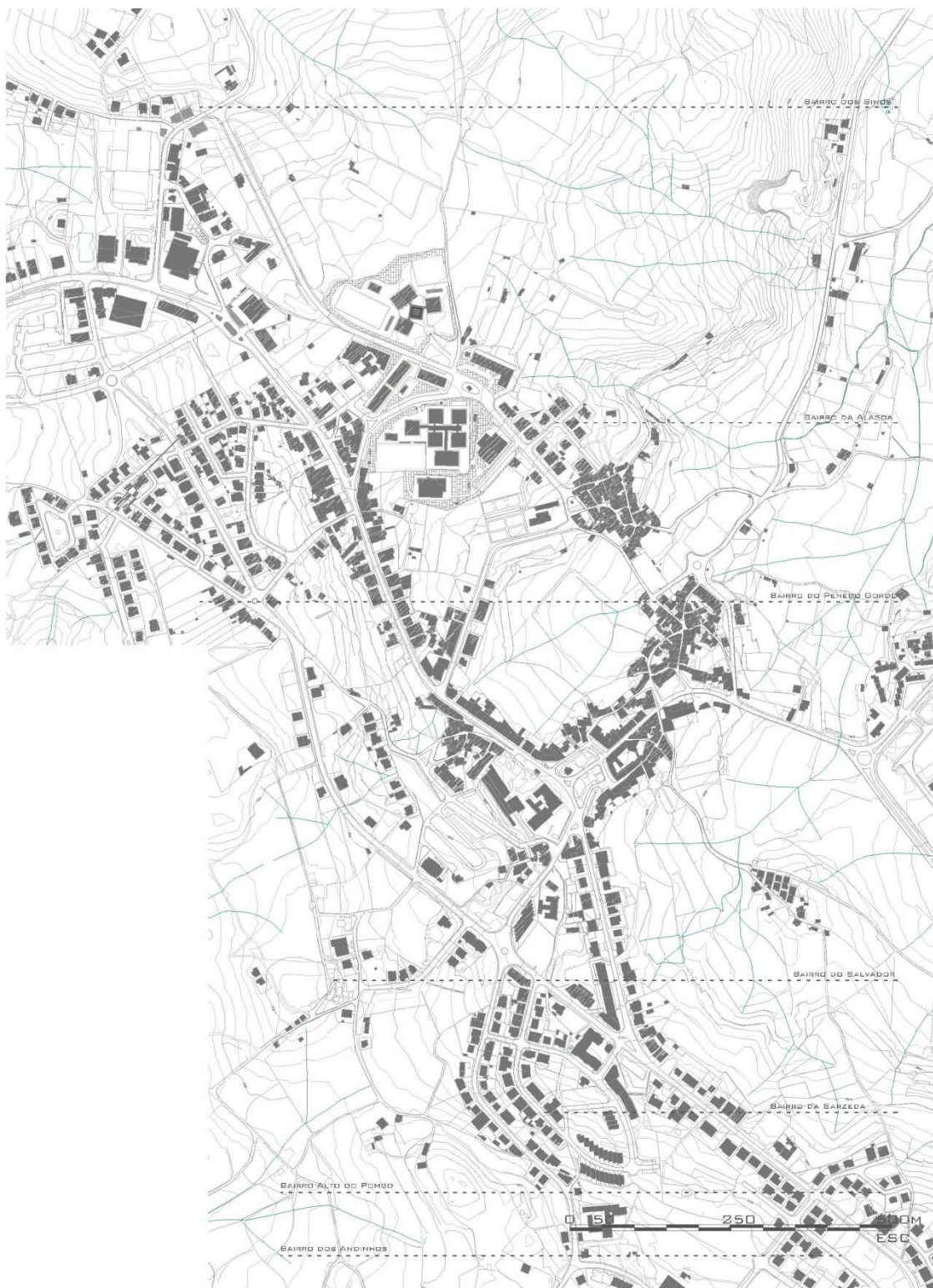
Desenho 1_O Construído, Moimenta da Beira Século XV



Desenho 2_O Construído, Moimenta da Beira Século XIX



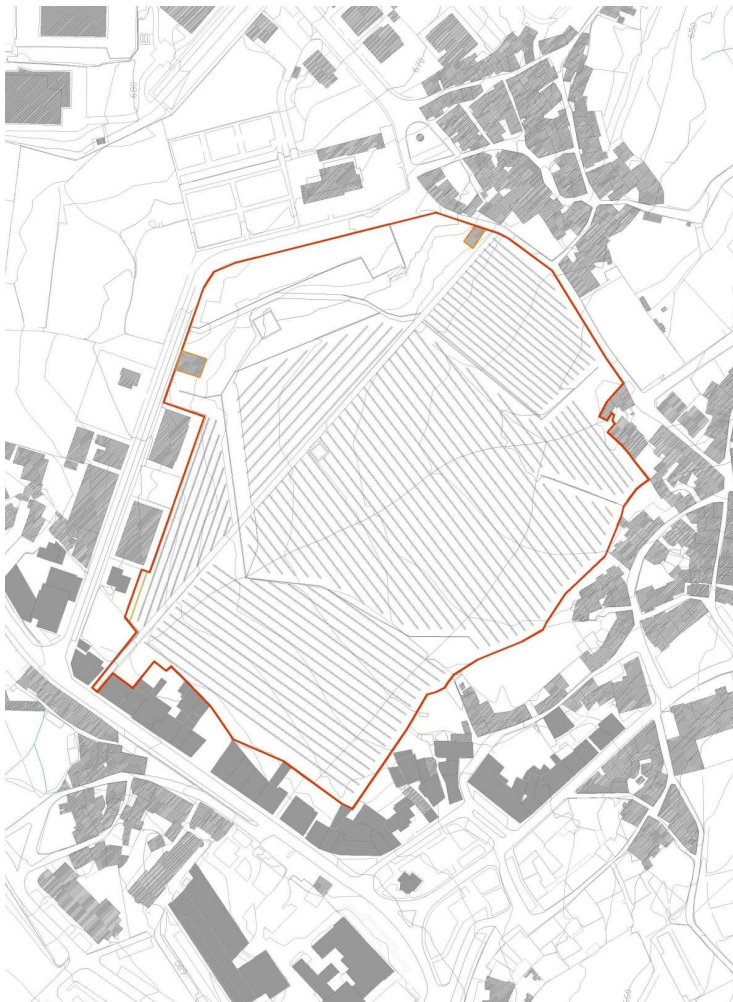
Desenho 3_O Construído, Moimenta da Beira, Início do Século XX até á década de 80



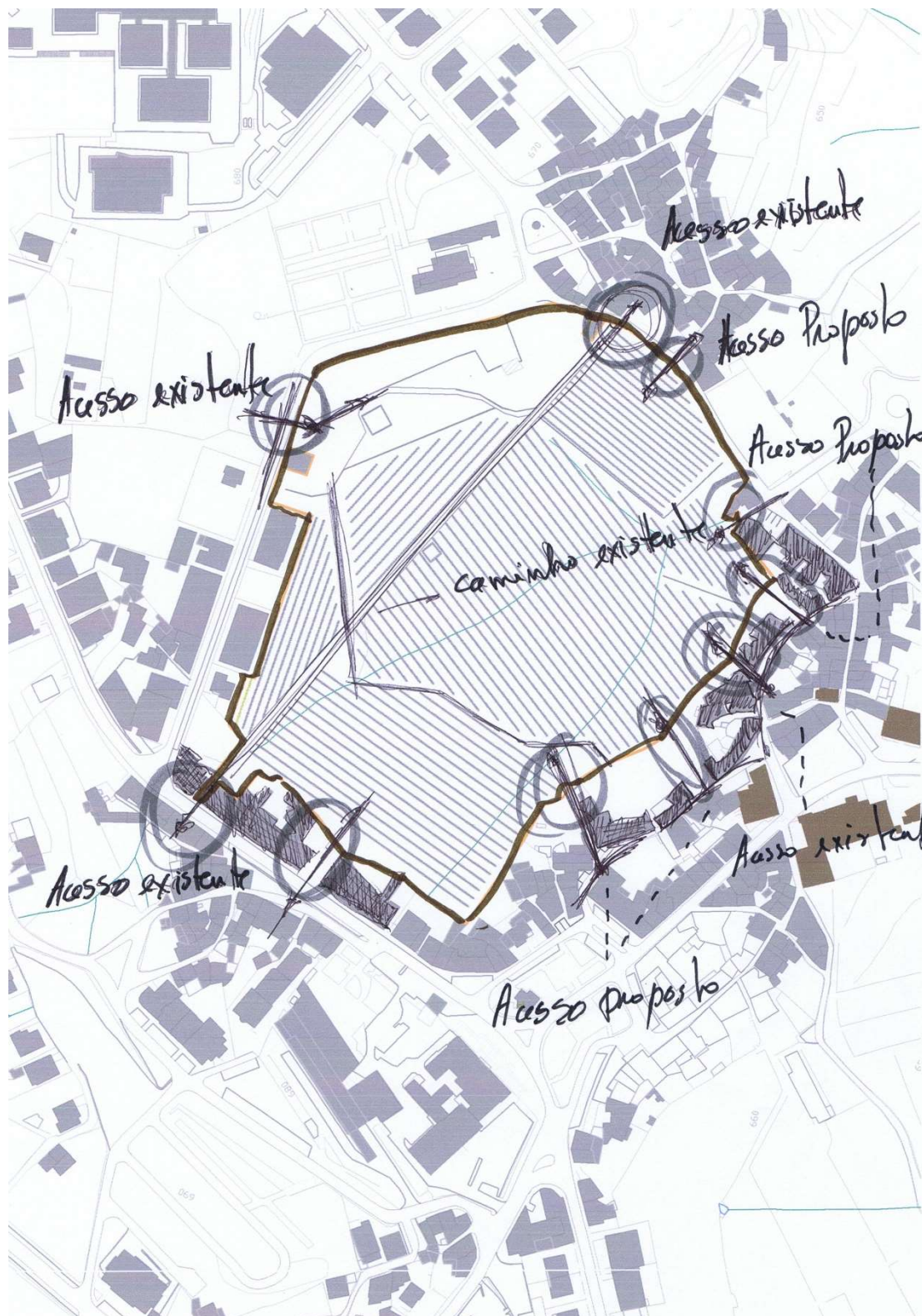
Desenho 4_O Construído, Moimenta da Beira, desde a década de 80 do Século XX até aos nossos dias
 Todos os bairros correspondem a loteamento privados.

O muro

O muro rodeia toda a área do objeto, este funciona como uma barreira, uma muralha.



Desenho 4_ esquema que ilustra os limites do muro existente

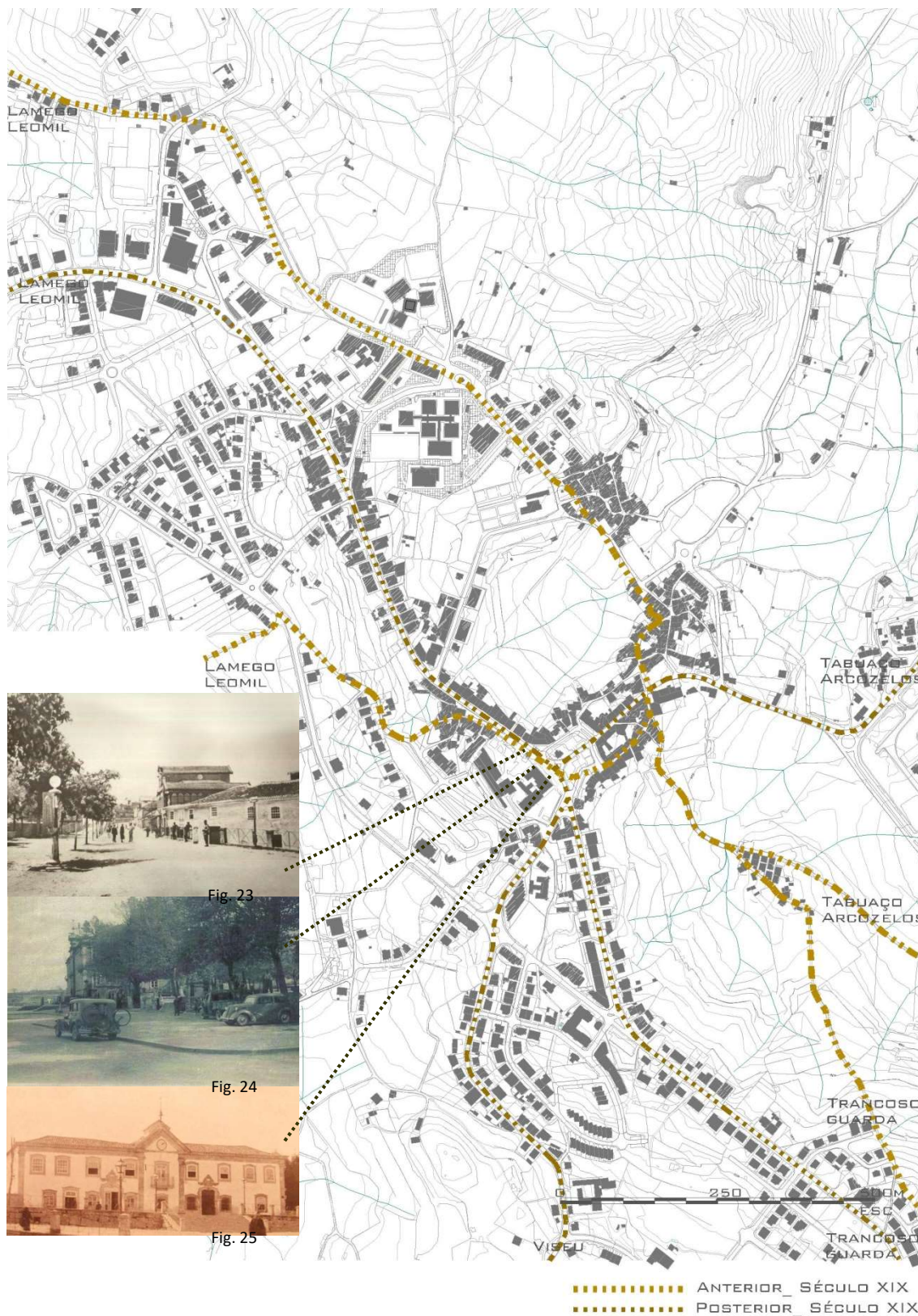


Desenho 5_ esquema que ilustra as ligações/aceessos propostos

As vias e Fluxos



Desenho 6_ esquema das vias existentes e das vias propostas



Desenho 7_ desenho das vias existentes até ao séc XIX e depois do Séc XIX

Fig 23_ vista da Av. 25 de Abril

Fig 24_ vista da Av. 25 de Abril

Fig 25_ antiga casa dos Carvalhais, atual edifício dos Paços do Concelho

O espaço público

“ A ideia de espaço público está intimamente associado à realidade de uma cidade, aos valores da cidadania e ao horizonte da civilização. A ideia de que a cidade é o lugar por excelência de afirmação do espaço público é validada pela história do pensamento político- desde a invenção da ágora democrática, á figura das cidades-estado e á formação de burguesia nas principais cidades europeias (...) Na cidade, o pacto implícito que funda a cidadania ganha visibilidade. As cidades e os seus lugares públicos expressam bem a imagem que as sociedades têm de si mesmas. A cidade é uma peculiar mise-en-scène das sociedades. No modo de nos cumprimentarmos, nos itinerários que percorremos, nas relações com a vizinhança ou ainda nas formas de urbanização desse mesmo espaço (....) a sociedade é constituída, bem como representada, pelas construções e pelos espaços que cria.”¹⁶

Os espaços públicos planificados com uma visão integrada podem favorecer e sustentar as relações sociais com o objetivo de melhorar a qualidade de vida no nosso espaço urbano.

Um benefício, que deveríamos obter todos, com um simples direito de utilizar os nossos espaços públicos verdes, com todo o peso que isso significa “público” e “verde”. Um espaço sem restrições para o nosso uso.

Em Moimenta da Beira o facto de haver áreas residenciais de pouca densidade, cerca de 20 a 30 casas por hectare, provoca uma maior inatividade urbana nos horários de trabalho e geram um grande consumo de solo, que se traduz num maior gasto de energia.

A privatização dos espaços, transformou os espaços públicos nas últimas décadas, o que deteriorou a capacidade para albergar a vida social, nestas áreas os espaços públicos resumem-se a lugares de estacionamento e passeios.

Como se pode verificar no desenho dos espaços públicos da Vila, estes resumem-se: ao jardim que se localiza á frente da Câmara, que não é mais do que 2 “rotundas”, pois tem circulação automóvel em todos os lados, duas

¹⁶_ INNERARITY, Daniel, Jornal do Arquitetos, n.º 231, pág 18, Junho de 2008

praças, uma do lado esquerdo e outra do lado direito da Câmara Municipal e por fim a praça do Terreiro das Freiras, nos últimos 50 anos não se assistiu á construção de mais nenhum espaço público.

“El actual déficit de la intervención pública, en el mercado del suelo y en el capital fijo urbano, determina que las decisiones que denominamos activas sean cada vez menos la regla e cada vez más la excepción. Así las tomas públicas de posición son ahora mucho más selectivas e interactivas, habiéndose consumado la prioridad de la extensión física, ahora sustituida por el intento de alcanzar determinados efectos, especialmente cualitativos...La solución procesual consiste, en los casos más ortodoxos, en las formas típicas de las candidaturas, convenciones o de los contratos enmarcados en el proceso de planificación estratégica; o en los casos más arriesgados, en partnership o sociedades mistas.”¹⁷

17_ Excerto do texto de – Nuno Portas in, DOMINGUEZ, José M.º Ezquiaga e ALFAYA, Luciano González, Transformaciones Urbanas Sostenibles, Universidad Internacional Menéndez Pelayo, 2011, pág 227



Hidrografia/topografia/vegetação

Desde os primórdios da civilização humana, as populações locais adaptam-se e rentabilizaram os solos para a sua própria sobrevivência. A plantação de Pomares em toda a extensão territorial do concelho de Moimenta da Beira, veio alterar a morfologia dos terrenos, a hidrografia e o tipo de vegetação, o que se traduziu na alteração da paisagem. Os terrenos antes construídos com socalcos para o cultivo de culturas temporárias, foram agora nivelados para a plantação de grandes extensões de pomares, as ribeiras e linhas de água que corriam á superfície são agora canalizados para depósitos no subsolo para servirem de reservas de água para a rega dos Pomares.

Novas paisagens vão surgindo ao longo de todo o concelho, os pomares florescem como cogumelos no outono, os primeiros a serem plantados datam dos inícios dos anos 60.

As variedades mais representativas de maçãs nesta região são as do grupo Golden (golden delicious, Belgolden, Lysgolden), de seguida as de variedades do tipo Starking e Red Delicious. Apenas 15% da produção tem como variedade Bravo Esmolfe, Reineta ou Gala (variedades portuguesas).

“La naturaleza esencial del paisaje es el cambio. El paisaje no es estático. La luz, el color y la vegetación varían con el tiempo. El agua puede brillar y vibrar, los sonidos cambiar y los olores pueden ir desde el perfume de las flores hasta el olor putrefacto de los hongos. Las plantas crecen y florecen; muchas alcanzan decenas de metros de altura y otras son pequeñas y discretas. En conjunto, los paisajes están formados por zonas llenas de vegetación, por desiertos de arena o por fuentes que fluyen y se mueven (...) Esta és la naturaleza dinâmica de los paisajes”.¹⁸

18 _Excert do texto de Lawrence Halprin com o titulo Coreografia, in: COLAFRANCESCHI, Daniela- Land&Scape Series: landscape+100Palabras para habitarlo, Barcelona, Editorial Gustavo Gili, 2007, pág 40..



Intervenção no lugar

Após a análise ao território disperso de Moimenta da Beira chegou-se à conclusão que: a transformação de terrenos privados em lotes para venda e posteriormente para construção, a urbanização sem uma lógica de crescimento sustentável traduziu-se numa dispersão do tecido urbano, pelo que surgem “vazios” com áreas consideráveis no centro. Um destes “vazios” (de programa público), é o Pomar.

“A competitividade de uma região ou zona rural depende justamente, da intensidade da relação entre ajustamento e diversificação. Quanto maior a intensidade dessa relação maior a mobilidade dos fatores e, também, a competitividade da região ou da zona rural.”¹⁹

Perante o objetivo de tornar o património cultural e natural numa mais-valia contemporânea do lugar, a proposta gera valorizar e revitalizar um espaço evitando descaracterizar o seu programa – O Pomar.

É com base nestas ideias e conceitos que a revitalização, reconversão e recuperação do “Pomar”, se adapta aos habitantes e visitantes de Moimenta da Beira, proporcionando-lhes a fruição do espaço, caminhadas, banhos, podendo participar em comunhão nas rotinas diárias do “Pomar”, como nas podas, apanha da maçã, workshops ligados à transformação da maçã, como por exemplo, aprenderem a fazer cidra, compotas entre outros, realizados no edifício proposto para albergar várias atividades nesta área, “O centro de interpretação da Maça”.

Criando-se com isto, suportes para a fixação da população local proporcionando-lhes melhor qualidade de vida.

Os objetivos deste projeto estão estritamente relacionados com a necessidade de definir possibilidades de valorização cultural e arquitetónica num ambiente meio rural meio urbano, mantendo a possibilidade de intervir, conservando, modernizando, inovando intervindo numa área vazia de espaço público.

Assim é necessário aprofundar as ligações que esta vila tem com a produção da maçã e dos pomares, como meio de subsistência dos locais. A agricultura adquire neste meio importância de relevo e de desenvolvimento económico, social e cultural. A sua importância não se relaciona apenas com a produção, mas também com o meio

19_COVAS, António: política agrícola e desenvolvimento rural, temas e problemas, Lisboa, edições calibri, 2004, ISBN, pág 41

ambiente, da paisagem e do legado patrimonial e imaterial, elementos fundamentais para a identidade das populações.

A maça é um meio impulsionador da economia da região, esta dá trabalho e sustento a muitos habitantes desta região, mas não só, é graças a ela que Moimenta da Beira tem uma feira anual de mostra de serviços e produtos da região – a expodemo que se realiza por altura da “campanha da maça”, na última semana de Setembro. Esta feira tem um cariz de comercialização e um cariz cultural, são 3 dias que a cultura sai á rua.

Grande parte do território da vila, é ocupado por pomares, assim como no restante território do concelho.

“(…) Elemento essencial das identidades, o património cultural torna-se rapidamente um fator determinante quer do crescimento económico, quer da coesão social. Ele tem um papel cada vez mais importante, nomeadamente no que respeita aos jovens aos quais permite a compreensão do que são, donde vêm e qual o sentido da vida. Os monumentos, os lugares e os sítios, as obras de arte e os objetos do património, mas também das línguas, os costumes, as práticas comunitárias e as técnicas tradicionais são elementos construtivos da identidade que dão um sentido à vida, quer seja no plano local, nacional ou regional.”²⁰

O património cultural é um elemento essencial na construção e desenvolvimento sustentável e neste sentido é necessário considerar estratégias para a sua conservação, valorização e gestão, tendo em conta a sua aproximação aos cidadãos da região, que se quer cada vez maior, criando elos de identidade regionais.

Construção do vazio “urbano”

“ Para que sirve esse espácio vazcío? Quizás para tener esa placentera sensación de toma de distância com el mundo cotidiano de la ciudad (...) Para que sirve el silencio entre las palabras? Para que sirve el intervalo del sueño? Enfin, para simplificar, digamos que el vacío es parte indispensable de la vida misma...”²¹

Nas últimas décadas temos assistido a uma acelerada expansão urbana, em grande parte não planificada, nem controlada, o sucessivo poder político foi deteriorando, suprimindo, abandonando, ignorando ofertas no território urbano que por variados fatores acabaram como áreas residuais. Estes lugares encontram-se muitas vezes em locais centrais e privilegiados do tecido urbano em termos de acessibilidades, infraestruturas e com ausência de espaço público.

A Vila de Moimenta da Beira tem os mesmos vícios de uma grande área urbana, tem no interior da sua malha urbana, espaços vazios de construção e de espaço público, na maioria dos casos são explorações agrícolas.

“Existe una fuerte disminución de la complejidad e densidad urbana en relación a outras zonas, originada por usos monofuncionales, que provoca la falta de actividade en muchas zonas y uchas horas del dia.”²² No momento atual de crise e antes o crescimento descontrolado da trama urbana sobre solo rústico, parece que é necessário planear-se opções para se reciclar a cidade existente, neste caso a Vila existente, e torna-la sustentável. O combate faz-se ao consumo do solo e parar a extensão urbana, pois isto só traz problemas de mobilidade e de consumo excessivo de energia.

O objetivo é traçar linhas condutoras para a regeneração urbana que se traduzam numa melhoria de vida para os residentes: reforçar a comunicação entre os espaços, tanto visual como física, renovar e adaptar a novos usos áreas construídas, interligar o centro histórico com outras áreas da Vila criar espaços públicos, reutilizar recursos existentes, assim estamos a poupar no consumo energético.

No âmbito ambiental as intervenções de reabilitação são positivas, reduz-se: o consumo de solo para a urbanização, o consumo energético, a construção de infraestruturas, facilita a mobilidade e há um decréscimo na produção de resíduos.

21_ Livingston, Rodolfo- “Elogio al vacío, 28 de Agosto de 1984, Sección opinión

22_ Libro Verde de Medio Ambiente Urbano, Tomo II, Junho de 2009

É sobre esses espaços vazios, dentro do perímetro urbano, que vamos incidir. O nosso lugar para a intervenção surge, trata-se de um Pomar privado no centro da Vila, um espaço agora vazio de programa público, uma parcela agrícola.

Este “vazio” não será construído do zero, a proposta é reabilitar o existente e propor novos programas, dar-lhe novos usos, torna-lo num só, espaço privado e público. Ínaki Ábalos²³ dá-nos a ideia de “mixed use”, que é basicamente a conceção de programas mistos, Público/privado.

Se Moimenta da Beira é conhecida como a capital da maçã, e este lugar é um pomar, porque não assumir o Pomar.

Este lugar tem variadas condicionantes: em primeiro lugar o facto de estar rodeado por um muro de pedra, muro que limita a propriedade, tem apenas na sua extensão 4 entradas; em segundo, a norte, tem o cemitério como cenário; em terceiro, fica localizado nas traseiras de construções, as localizadas a sul, maioritariamente em ruínas e por fim tem linhas definidas de compasso de plantação de macieiras.

Porém também tem muitas potencialidades: tem 3 linhas de água, agora canalizadas no subsolo; tem no mesmo lado norte a igreja matriz; é um espaço central e a partir daqui conseguem-se criar percurso, que ligam diferentes áreas da Vila e fica junto do centro histórico.

“Los espacios intersticiales entre tejidos, por su posicionamiento tienen un enorme potencial como elementos articuladores de una nueva estrutura urbana, en donde se pueden compaginar sus usos principales de movilidad o espacio libre, con nuevas actividades y usos que ayuden a su regeneración y de vínculo entre áreas vecinas.”²⁴

23_ Arquitecto Espanhol, nascido em 1956 em San Sebastian

24_ Excerto do livro de DOMINGUEZ, José M.^a Ezquiaga e ALFAYA, Luciano González, Transformaciones Urbanas Sostenibles, Universidad Internacional Menéndez Pelayo, 2011, pág 105

O projeto

O trabalho desenvolvido tem como objetivo dotar Moimenta da Beira com espaços que faltavam á qualidade de vida dos habitantes da Vila, ao mesmo tempo que ao construir este espaço vazio de programa público- O Pomar, num território urbano, uniformiza a malha construída, proporcionando aos habitantes uma maior conexão entre os espaços envolventes ao Pomar.



O Pomar é um lugar agrícola, situado no centro da Vila, que gera importantes funções culturais, educacionais, ecológicas e paisagísticas na população. Encontra-se rodeado de espaços urbanizados

A proposta procurou criar percursos pedonais fluidos que ligam: o centro histórico, às escolas, ao cemitério, a zona comercial aos bairros situados do lado oposto, edifícios religiosos tudo a partir de um espaço ausente de automóveis.

O ponto de partida foi “limpar” tudo o que não interessava, traçar percursos que intersetavam o Pomar a partir de pontos estratégicos existentes na malha urbana, que uniam diferentes áreas da vila, trazer as linhas de água novamente á superfície, criar estacionamento para servir o cemitério e igreja Matriz, o centro histórico e o edifício proposto. De seguida, estudou-se o funcionamento de um pomar, que

Fig 26_ foto aérea da Vila de Moimenta da Beira

edificações seriam necessárias, reutilizaram-se caminhos já existentes e o que programas faltariam em Moimenta da Beira.

Já anteriormente se tinha dito que se ia assumir o lugar como sendo um Pomar, e que a maça é um dos principais motores económicos do concelho, então reutiliza-se o Pomar e nasce agora como centro de interpretação da maça, aberto diariamente ao público, uma espécie de parque urbano, já que a vila não tem nenhum parque. Moimenta não precisa de mais espaço para construir habitação, precisa sim de um espaço onde os habitantes e visitantes possam comunicar e interagir, necessita de espaço público.

Para este programa_ O “Pomar”_ funcionar seria preciso:

- _ um espaço para armazenar, alfaias, maquinas agrícolas e a fruta;
- _ um espaço multiusos, para exposições, concertos, workshops, exibição de filmes, aulas;
- _ locais de armazenamento de água para a rega do Pomar;
- _ percursos que permitam mobilidade ao trator.

Para se converter em espaço público seria necessário:

- _haver espaços que permitam o ócio;
- _já que na Vila não existem piscinas exteriores ou uma praia fluvial, serem criados espaços com água que pudessem ser utilizados em dias de calor;
- _ percursos, onde se possa correr, andar de bicicleta ou de skate;
- _o certame da Expodemo localiza-se agora á frente do edifício dos Paços do Concelho, porque não transferi-lo para aqui e atribuir-lhe uma área;

A necessidade de se construírem edifícios é incontornável, porém não queria criar mais uma malha fragmentada composta por vários edifícios, mas antes um espaço único que pudesse conter vários programas.

A ideia do muro que ladeia a propriedade torna-se um caminho a seguir, até porque ele já existe, encaremos o muro como uma muralha que protege o Pomar. As muralhas tanto de repente são apenas um muro, como no momento instantâneo são um dormitório, ou um refeitório; é essa linguagem que começa a transparecer para o edifício, a ideia que tanto pode ser apenas um muro de limite como pode ganhar corpo e transformar-se num edifício que contém programa, um espaço contínuo que não compete com as construções vizinhas, nem com o pomar.

O edifício/muro

Este edifício/muro não é um simples limite, é um eixo entre o construído da vila e a área de intervenção, uma área de carácter agrícola, é a passagem da malha urbana para um espaço natural construído pelo homem.

O desenho do edifício/muro começa por ser apenas um muro de pedra, que ladeia a rua e faz de suporte de terras, até chegar á Igreja de São João ou igreja Matriz, aqui começa a transformar-se em edifício, o muro ganha corpo e recua, em relação ao seu traçado original. O edifício/muro continua a expandir e a retrair conforme as necessidades do programa atribuído e da relação com a envolvente, até se subdividir em duas realidades distintas, num momento o edifício volta a ser muro e num outro projeta-se em forma de percurso/pavimento.

Tal como nas muralhas também este edifício/muro tem “portas de entrada” para o interior da parcela agrícola, estas “portas” localizam-se em locais de oportunidade na malha construída. Em alguns pontos há uma rotura na continuidade, noutros pontos o edifício é contínuo, e a passagem é feita ao nível do piso térreo.

Neste edifício/muro, ao recuar no alinhamento da igreja matriz, permite acoplar uma praça a este espaço. Ao ganhar volume e ao transformar-se em edifício terá como programa, um café, uma florista, umas instalações sanitárias.

No lado poente encontramos áreas para armazenamento, no lado Sul como está ligada ao centro da atividade comercial da Vila, localiza-se o centro de interpretação da maça, com salas para exposições, residências para investigadores, cafetaria, restaurante, um anfiteatro. O centro de interpretação é um equipamento cultural, cuja função é promover um conjunto de atividades de comunicação com o público visitante, cujo objetivo é revelar e explicar o papel e o significado do património cultural e natural, mediante a sua interpretação contemporânea, com o fim de aumentar a sensibilização do público e de ser mais eficaz na sua conservação. Haverá pessoas creditadas e especializadas para a realização de itinerários didáticos e para consciencializar públicos.

É neste ponto, quando há uma rotura no edifício/muro que o espaço se subdivide em dois, um edifício onde haverá lojas comerciais, que volta a ser muro, e

um outro um percurso orgânico ligado a uma linha de água que á medida que vai sendo intersectado por percursos oscila de direção

O desenho edifício/muro ainda se encontra “bruto”, pouco tratado, um pouco á semelhança da imagem que os arquitetos Aires Mateus desenharam para o Museu do Farol de Santa Maria, um espaço continuo onde surgem pátios, também para este espaço foram propostos pátios que por vezes não se percebe se é o edifício a ocupar o espaço envolvente ou se é o espaço envolvente a entrar no edifício.

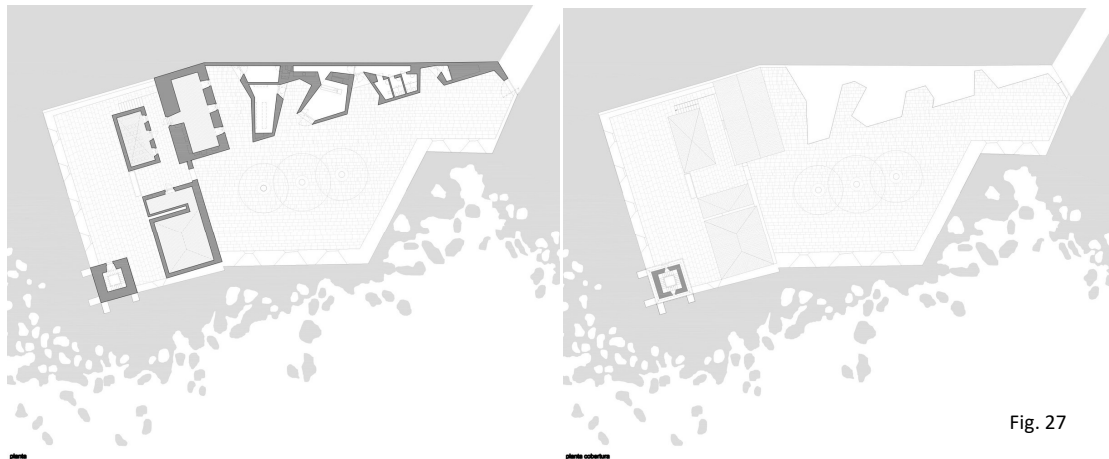


Fig. 27

Sempre que o edifício é intersectado por percursos surgem pátios, ou mudanças de direção ou volume.

O edifício multiusos

Houve também a necessidade de criar um espaço autónomo, que é apenas um volume simples, um anfiteatro ao ar livre coberto. Uma caixa de madeira perdida no Pomar.

Este espaço está encostado á linha de água e faz a transição entre a cota 662 e 656.

Aqui irão decorrer atividades lúdicas, sempre que o tempo não permita atividades ao ar livre.

O estacionamento

A vida moderna torna o automóvel como o bem essencial para as deslocações

quotidianas das pessoas, principalmente nestas vilas mais pequenas, onde não existe muita oferta de transportes públicos, quase todas as famílias têm pelo menos um carro.

Apesar de não querer a mobilidade de automóveis dentro do espaço de intervenção, a necessidade de criar parques de estacionamento torna-se imprescindível.

Começa-se por ver onde seria mais lógico distribuir os estacionamentos. Verifica-se que existem 3 lugares onde escasseiam estacionamentos, a área junto à igreja e cemitério, o centro histórico e o edifício proposto para esta área, na parte do centro de interpretação da maça.

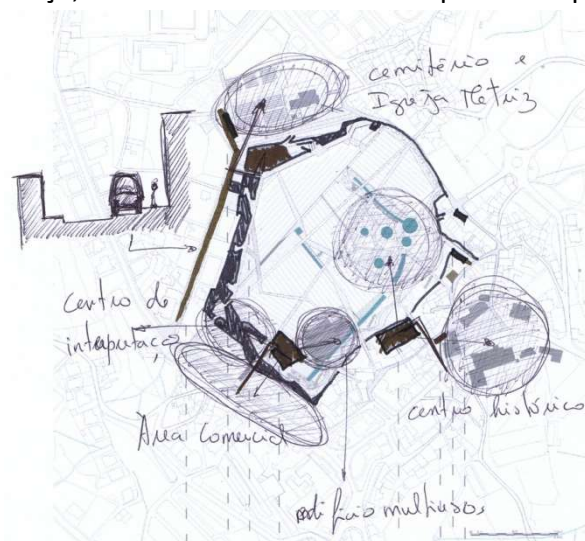
Propõe-se um parque de estacionamento no lado norte da parcela de forma a servir a igreja e o cemitério, este localizado dentro das “paredes” do edifício/muro.

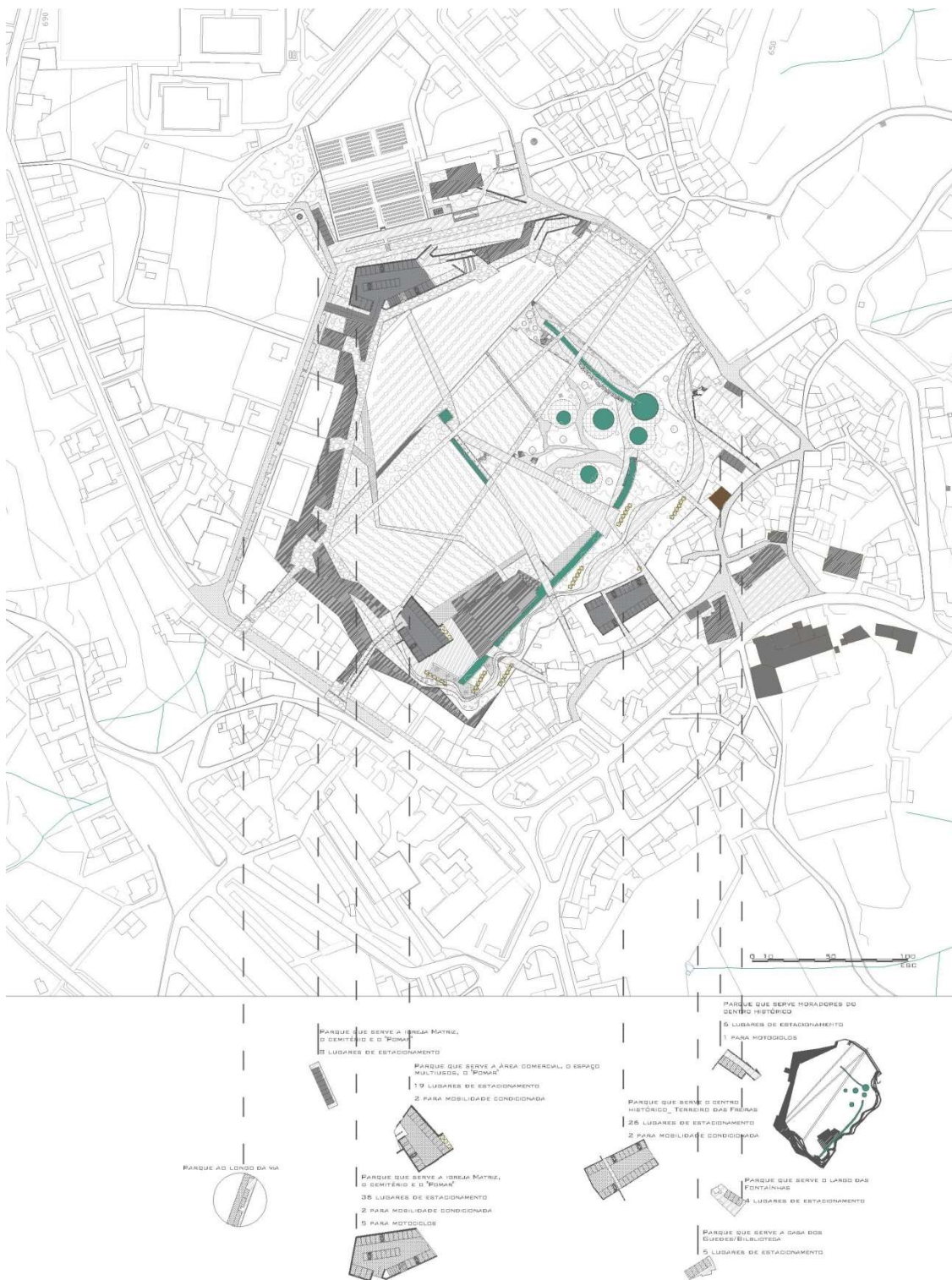
Um outro do lado sul, de forma a servir o centro histórico, os poucos habitantes que nele existem, pois as edificações existentes são raras as que têm garagem. Este localizado fora dos limites do muro.

Aquando o desenho de um espaço multiusos e um centro de interpretação da maça, a necessidade de estar acoplado um parque de estacionamento para as viaturas

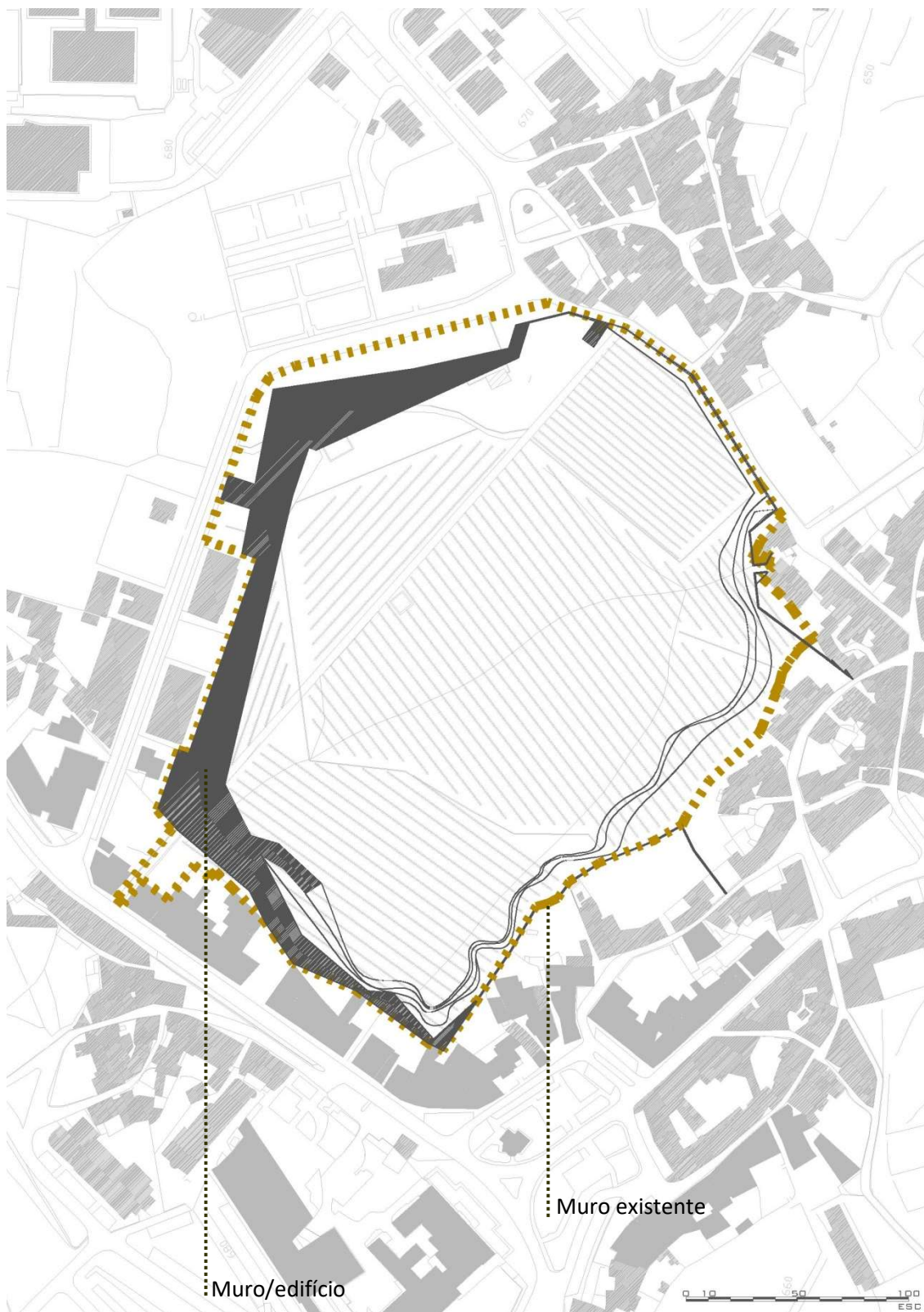
dos utilizadores destes espaços torna-se evidente. Este parque é o único que fica dentro dos limites do muro.

São ainda propostos pequenos parques de estacionamento de 3 ou 4 lugares em pontos distribuídos ao longo de áreas em torno do muro.





Desenho 11_ Planta com a localização dos estacionamento.



Desenho 12_ Planta com referencia á implantação do muro existente e do “muro” proposto.

As linhas de água

Locais com água sempre foram um local aprazível para passar uma bela tarde de verão. O barulho da água, os microclimas que nascem em torno deste elemento, os animais que aparecem para beberem fazem destes espaços, locais referenciados para o convívio entre a população.

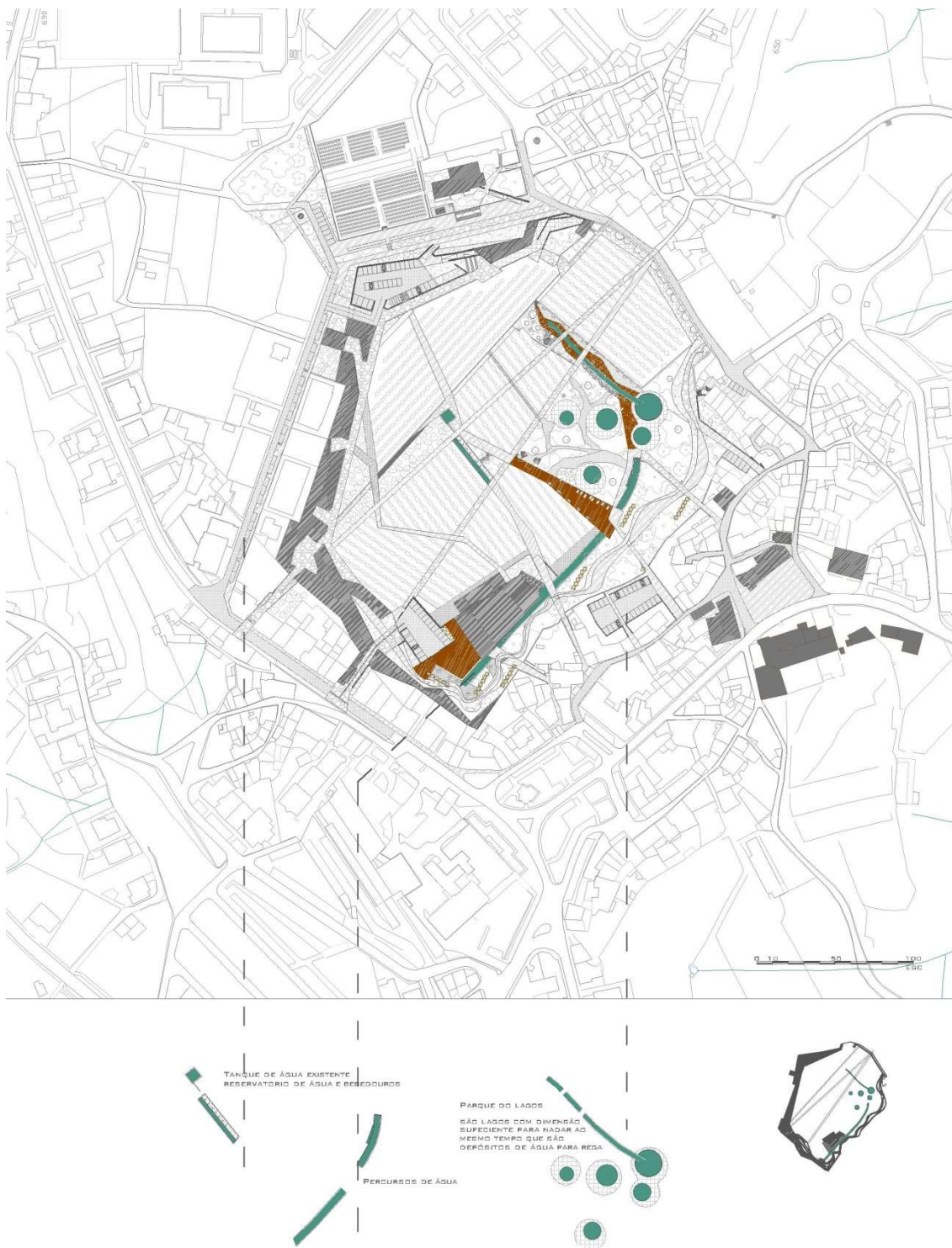
Na parcela em estudo existem 3 linhas de água, agora canalizadas no subsolo, que pretendemos reabilitar e trazer á superfície duas delas, que são as que têm mais caudal.

Ao longo destas linhas de água foram criados percursos, plataformas e diferentes espaços.

Foi desenhado um espaço com cinco pontos de água, que servirão de lago artificial para as pessoas usufruírem num dia de calor, e de depósito de águas para a rega do Pomar. Os lagos já têm alguma escala, podendo-se nadar em 2 deles. Estes estão agrupados num único ponto, o único espaço onde não haverá pomar mas antes um parque de árvores autóctones da região. O local em questão situa-se perto do centro histórico e fica no ponto mais baixo do terreno. As linhas de água terminam nestes depósitos.

Desde o início do percurso da água até culminar nestes lagos, surgem plataformas de maior ou menor escala. Espaços estes, de permanência e descanso ou até mesmo solários. Ao longo do percurso haverá mobiliário urbano como espreguiçadeiras, mesas e cadeiras, sofás, bebedouros, que apoiarão as linhas de água. Numa praça haverá ainda um quiosque e instalações sanitárias e balneários.

Propôs-se a continuidade do tanque de pedra, no alinhamento deste elemento foi também criado um depósito de água retilíneo, localizado a uma cota superior á do pavimento, o objetivo desta diferença de cotas tem a ver com o facto de se terem colocado saídas de água a diferentes alturas, provocando assim diferentes sons, permitindo a pessoas com diferentes estaturas e diferentes mobilidades beberem água no ponto que mais lhe for conveniente.



Desenho 13_ Planta com referencia á implantação de elementos com água

A vegetação

O clima e as estações do ano responsabilizam-se pela variação cromática da paisagem, influenciando o cultivo de espécies agrícolas. Nesta região as macieiras proliferam, o cultivo de pomares torna-se banal.

Sendo este local um Pomar, a vegetação passa, na maioria da área, por diferentes tipos de macieiras. Contudo neste lugar encontramos três realidades distintas de vegetação, o Pomar antigo: que é um pomar desordenado que utiliza castas nacionais; um pomar atual: que é um pomar em linha, com um espaçamento entre linhas de 4 metros e 1 metro entre macieiras, aqui normalmente são utilizadas variedades de macieiras italianas ou francesas, de maior produção, mas não tão bem adaptadas ao nosso meio e com menos tempo de vida, e por último arvores e arbustos autóctones da região de Moimenta da Beira implantadas entre uma linha de água e o muro, ladeando um percurso e no parque dos lagos.

Os pomares sofrem variações ao longo do ano, na primavera estão em flor de cor branca, no verão as árvores ficam com folhas verdes, no outono as folhas começam a cair e os frutos estão prontos a serem apanhados, as cores podem variar entre o verde, o amarelo e o vermelho, no inverno apenas ficam os troncos esbranquiçados; no parque com as árvores autóctones igual variação com as estações do ano, pois estas espécies são de folha caduca á exceção do medronheiro e da oliveira. Este cenário encontra-se em constante mutação o que transmite ao utilizador, uma experiencia nova todos os dias. O espaço nunca é monótono.

Foi ainda criada uma linha de cupressos por forma a criar uma barreira visual para o cemitério ao longo do ano, este de folha persistente.

As oliveiras existentes nesta parcela agrícola foram mantidas, são árvores já com bastantes anos e estão localizadas ao longo do muro do lado nascente, também aqui existe um percurso.



-  MONTANHO
-  HEDIONHEIRO
-  SCIERO
-  OLIVEIRA
-  POVAR "ANTIGO" COM ESPÉCIES DE MADEIRAS PORTUGUESAS : BRAVO-ESQUELE, REINETA, PARDO LINDO
-  POVAR "MODERNO" COM ESPÉCIES DE MADEIRAS ESTRANGEIRAS: EXISTENTE
-  CUPRESSUS
-  MADEIRA DE JARDIM



Desenho 14_ Planta com referencia á implantação da vegetação existente e proposta

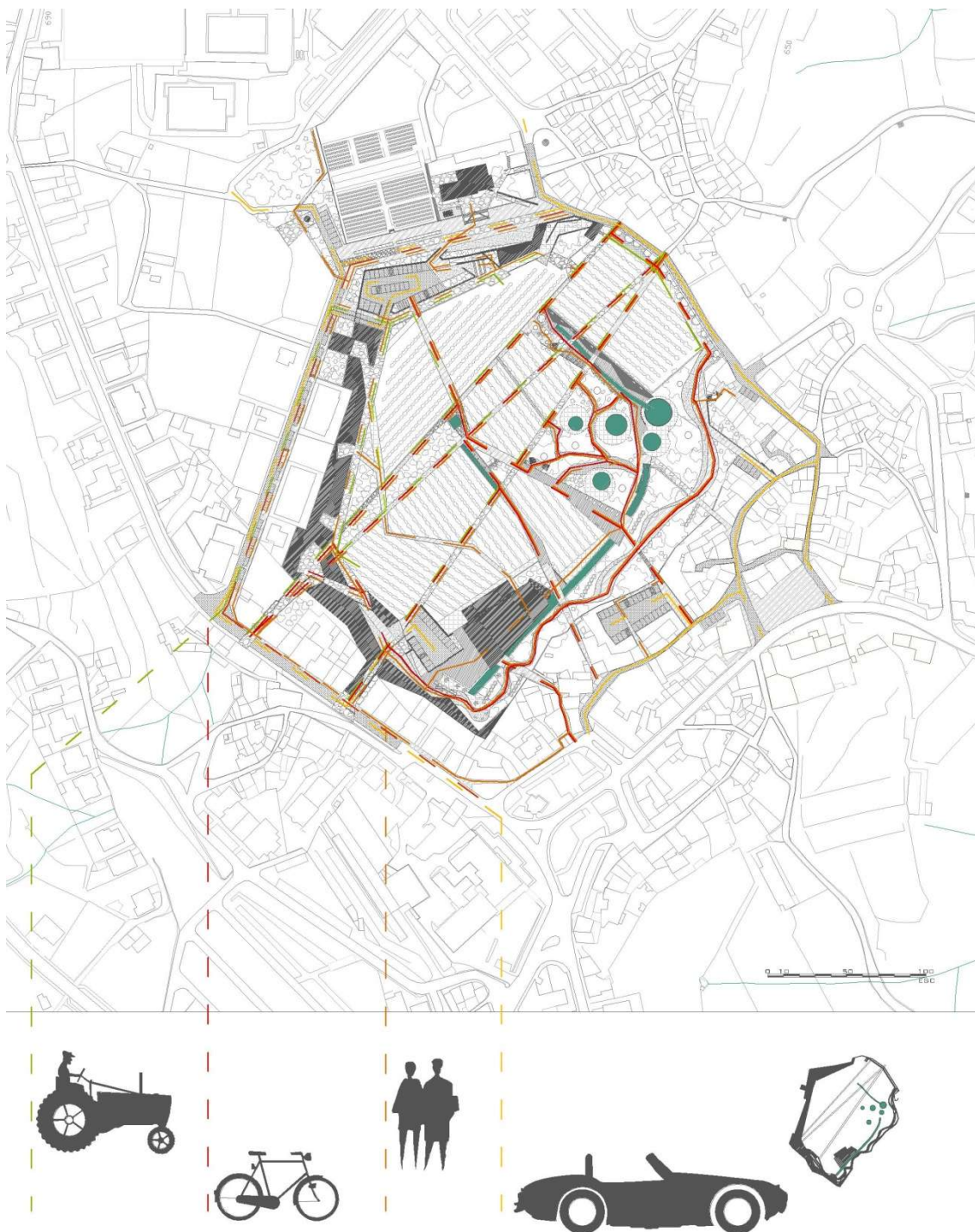
As vias/percursos

Ao intervir nesta área permitiu que esta se abrisse para a envolvente. Antes as vias rodeavam o objeto de estudo, o interior era impenetrável para a maioria dos habitantes de Moimenta da Beira, apenas os donos da parcela circulavam no interior.

Mais do que vias o que se propõe para esta área são percursos. Ligações entre dois pontos distintos, que passam pelo lugar A ou B. Estas ligações começam a ficar coerentes quando a partir do percurso conseguimos unir dois pontos a diferentes cotas e dois espaços como a área comercial ao Arrabalde. Estes caminhos têm a dimensão para pessoas.

As vias existentes cingiam-se a dois caminhos que atravessavam o espaço, estes serão mantidos.

Não queremos que o automóvel ande livremente neste espaço, até porque este espaço é planeado para pessoas, no entanto com as necessidades decorrentes de um pomar as vias para tratores tiveram que ser tidas em consideração. Assim todos os caminhos onde houvesse circulação de tratores teriam que ter dimensão adequada aos mesmos.



Desenho 15_ Planta com referencia aos percursos para diferentes tipos de mobilidade

Síntese:



- ÁGUA
- EDIFÍCIO PROPOSTO
- EDIFÍCIO HISTÓRICO
- VEGETAÇÃO
- MOBILIÁRIO URBANO
- PERCURSOS

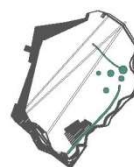




Fig. 28



Fig. 29

“Qué hacer hoy con la noción de límite y cómo concebir los espacios cuando la distinción entre ciudad y campo, entre público y privado, entre interior y exterior desaparece? ¿Qué ocurre con las nociones de distancia, continuidad, densidad, diversidad, hibridez, cuando la velocidad del desplazamiento de bienes, información y personas crece tan rápidamente? ¿Cómo planificar una sociedad mas abierta en un mundo más incierto? ¿Cómo actuar por la colectividad en una sociedad cada vez más diversificada y más individualizada?”²⁵.

Fig 28 _ foto maquete de estudo, onde estão representadas as linhas de vegetação, neste caso macieiras e as linhas dos percursos.

Fig 29 _ foto da maquete de estudo, onde estão representados as linhas de vegetação e o percurso existente no local.

25_ ASCHER, François, Os novos princípios do urbanismo, alianza ensayo, primeira edição 2004, Madrid.

Bibliografia:

ASCHER, François, – Métapolis ou l’avenir des villes, Paris: Éditions Odile-Jacob, 1995;

ASCHER, François, – Los Nuevos Principios Del Urbanismo, Paris: Editions d’Aube, 2001;

AZEVEDO, Estevão Joaquim Magalhães; “A intervenção como arqueologia do lugar: projeto de requalificação da margem da Ribeira de Devesa”, tese de Mestrado Arquitectura/construção e tecnologia, DAUM, 2011;

BEIGEL, Florian e CRISTOU, Philip- Landscape as City, Architecture Research Unit, Janeiro de 2008;

COLAFRANCESCHI, Daniela - Land&ScapeSeries: landscape + 100 Palabras para habitarlo. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2007;

CORBOZ A., TIRONI, G. – L’espace et le détour: Entretiens et essais sur le territoire, la ville, la complexité et les doutes. Paris, Editora L’age d’homme, 2009;

CORNER, James. – Recovery Landscapes. Nova Iorque: Princeton Architectural press 1999;

COVAS, António – Política Agrícola e Desenvolvimento Rural, Temas e Problemas. Lisboa: Edições Colibri, 2004;

CORNER, James. – Recovery Landscapes. Nova Iorque: Princeton Architectural press 1999;

DE SOLÀ-MORALES, M. – De cosas Urbanas, Barcelona: Editora Gustavo Gili, 2008;

DE SOLÀ-MORALES, Ignasi- Terrítòrio”, Editora Gustavo Gili, 2003;

DOMINGUEZ, José M.^a Ezquiaga e ALFAYA, Luciano González, Transformaciones Urbanas Sostenibles, Universidad Internacional Menéndez Pelayo, 2011;

GOUVEIA, Jaime Ricardo, Memórias Paroquiais e Descrições Setecentistas do concelho de Moimenta da Beira: Edição Câmara Municipal de Moimenta da Beira, 2008;

GOUVEIA, Jaime Ricardo, Os Pelourinhos do concelho de Moimenta da Beira: Edição Câmara Municipal de Moimenta da Beira, 2008;

GUIA, A. Bento- As Vintes Freguesias de Moimenta da Beira, Edição da Câmara Municipal de Moimenta da Beira, Fevereiro de 1986;

GUIA, A. Bento- Moimenta da Beira, Uma Cidade Estado da Lusitânia, Eden Gráfico, S.A. Maio de 1986;

LYNCH, K – A imagem da cidade, Lisboa: Edições 70, 1960;

MAROT, Sébastien - Land&Scape Series: Suburbanismo e el Arte de la Memoria, Barcelona: Editora GG,2006;

SILVA, Cidália – “O Território Fissiforme”, Jornal dos Arquitectos;

SILVA, Cidália- “Dissipar Equívocos: Saber Ver o Território Contemporâneo”, in André Tavares e Ivo Oliveira. “Arquitetura em Lugares comuns, ideias e projetos para o vale do Ave”, Dafne Editora, Porto, Abril de 2008;

